

Entrevista ao sujeito A – 11 de Junho de 2010 – 18 horas

Local: Ateneu Artístico Vilafranquense

Investigadora (I) – Então, (nome), em primeiro lugar, quero explicar-lhe os objectivos da entrevista.

Sujeito A – Sim, senhora.

I - Penso que na, outra vez que nos encontrámos, já lhe tinha explicado que este estudo que estou a fazer tem a ver com o modo como os adultos adquirem e desenvolvem competências ao longo da vida e eu, especificamente, estou à procura de respostas para essa questão que vou buscar aos contextos informais. Por isso, peço-lhe para pôr de lado aquilo que aprendeu na escola e, eventualmente ...

A - Sim... eu sei ...

I – Em acções de formação que tenha feito ...

A – Sim, sim...

I - E vamos mesmo só para a escola da vida. Aquela expressão que às vezes se utiliza, a escola da vida. Em relação à questão do anonimato e da confidencialidade, eu também já lhe tinha dito que tudo o que estou a desenvolver não ...

A – Não há nada para esconder, estou perfeitamente à vontade.

I – É uma questão que rege estes trabalhos.

A – Sim, é compreensível.

I - A minha outra questão é o pedido de autorização para gravar a entrevista que já obtive e o gravador já está a funcionar.

A – Sim.

I - Está bem.

A – Sim.

I – Está bem; então, na primeira parte, queria que desenvolvesse mais naquela perspectiva que foi a sua vida pessoal e o que foi adquirir competências ao longo desse percurso e, então, uma das questões que li na sua autobiografia tem a ver uma das afirmações que faz relacionada com a leitura. O (nome) diz que com nove anos já lia jornais e a questão que lhe coloco é a importância de leitura ao longo da vida, livros e autores que queira destacar...

A – De facto, foi com os meus nove anos que eu comecei a... e eu já gostava muito de ler. Desde a primeira até à quarta classe e na altura fazia-se a admissão (emociona-se)...

I – A admissão aos liceus, não era?

A – Exactamente. Eu fiz aqui a quarta classe onde era este parque de estacionamento (aponta) conhecida como a escola de Adro, mas era a escola Conde Ferreira exactamente, uma das muitas escolas Conde Ferreira que havia pelo país, e eu fiz aqui a quarta classe e fui fazer exame de admissão à escola do Bacalhau e era raro dar um erro. Em todos os ditados ou composições que eu fazia, eu era raro dar um erro. Mesmo hoje só por sugestão ou distração é que dou um erro. Gostei sempre muito da disciplina de

Português, Desenho, Ciências, foram sempre as coisas de que eu mais gostei e a partir dos nove anos... Ah! Eu lia muito os livros de ... os chamados livros de cowboys, como lhes chamavam os miúdos antigamente. Lia muito esses livros e eu curiosamente tive a partir desses livros... os livros utilizavam muito os termos imbecis, imbecil e idiota e eu depois até tive curiosidade em saber o que isso significava e foi logo a partir da altura de miúdo que comecei a ter essa noção e, se calhar, ainda há muita gente que chama imbecil ou idiota e nem sequer sabe o significado de uma e outra palavra. Eu exactamente comecei a ter interesse por isso e havia um senhor, que era o senhor Oliveira, curiosamente é o que falta aqui nesta fotografia (mostra e aponta), e tomava conta do bar do Ateneu há quarenta anos, que é o tempo que essa fotografia tem e o senhor Oliveira ia ler o jornal todos os dias para o Domingos Pato, que era uma taverninha que havia ali onde era antigamente a antiga sede do Ateneu e onde morava mesmo defronte e eu estava sempre à espera que o jornal chegasse, O Século, que era substancialmente maior do que na última aparição que ele teve e, portanto, eu estava desejoso que o senhor Oliveira acabasse de ler o jornal para eu também, porque eu sabia que ele era o primeiro a chegar à taverna do Domingos Pato, e ele até tinha aquela coisa “não gosto que estejam a ler atrás de mim” e eu, como era um bocadinho austero, um senhor já de idade, eu tinha respeito por isso e aguardava, mas logo que ele acabava eu ia ler. Entretanto, já jovem, fui sócio do Círculo de Leitores e agora é a minha mulher, já era muita gente na mesma casa a ser sócio da mesma coisa. Ela continua e eu saí. Tenho tantos livros em casa que nem me lembro. Guerra e Paz de Leão Tolstoi comecei a ler e nunca mais larguei o livro... Um livro, o último que eu agora li, agora não me lembro do nome, estou a tentar ... para dizer que tenho uma colecção enorme de livros do Círculo de Leitores, de romances, policiais, tenho de tudo um pouco, o que na altura, em jovem, eu li, de facto, muito, muito. Depois, a minha vida também se alterou um pouco, comecei a enveredar, já com vinte e um, vinte e dois anos, quando larguei a banda de música, dediquei-me ao trabalho. As minhas preocupações tinham mais a ver com o trabalho e tentar estudar à noite para depois recuperar o tempo que tinha perdido de dia, por causa dos conjuntos e das músicas, a gente perde-se um bocadinho quando somos jovens em vez de nos ocuparmos da escola e, portanto, deixei de ler tanto livro. Os jornais leio assiduamente, ainda hoje isso acontece, livros não tanto. Esporadicamente lá aparece um ou outro livro que eu, lá então, começo a ler. Devo dizer que li, muito bom, de um moço que é pivot do telejornal ...

I – José Rodrigues dos Santos?

A – Um dos últimos que ele escreveu que faz uma abordagem absolutamente incrível à guerra civil, em Espanha, e na relação que isso teve com Portugal. Embora o tema retrate uma história, digamos de uma relação amorosa, e de tudo o que acontece

I – Então é capaz de estar a falar de Miguel Sousa Tavares e do Rio das Flores. É isso?

A – Não, não, é mesmo do José Rodrigues dos Santos. Acho que é isso. Adorei o livro. Comecei a lê-lo, agora não me estou a recordar do nome, nunca mais o larguei, li-o num abrir e fechar de olhos, em dois dias ou três, li o livro todo. Por isso, gosto imenso de ler e acho que, quando começo a escrever, as coisas começam a fluir todas. Parece que está tudo a parecer-me à frente e é só carregar nas teclas e é isso assim

o que me acontece. Gosto ainda... deve ser pelas coisas que se passavam à minha volta. Eu tive sempre, mesmo da minha juventude, eu acompanhei sempre com pessoas mais velhas do que eu (emociona-se), tive sempre essa coisa e até havia um amigo meu e até lhe chamávamos o Maluco, já morreu, mas era boa pessoa, e chamava-me “século dezanove” a mim porque achava que eu era antigo. Eu chegava ao largo da Câmara, ao nosso círculo de amigos, e dizia “lá vem o século dezanove”, dizia-me ele, porque eu tinha muito a mania e gostava de acompanhar os mais velhos. Eu hoje trato por tu muitos velhinhos de Vila Franca, muita gente que tem vinte anos a mais do que eu, eu já acompanhava com eles. Eu hoje tenho cinquenta e quatro anos e eles têm setenta ou oitenta. Digamos, com eles, a experiência dessas pessoas, portanto, o que eu comungava com eles, fez-me (emociona-se) amadurecer um pouco prematuramente. E eu até tenho um episódio muito giro. Uma vez, e agora começamos a divagar, a divagar não, as coisas começam a fluir. Nunca mais me esqueço, fui ao médico, na praça do Areeiro, eu tive um problemazinho e as pessoas pensaram que eu tinha epilepsia e a minha mãe levou-me ao médico. Curiosamente era o Dr. (nome), tinha o mesmo nome que eu e curiosamente era filho de um antigo maestro da banda (nome), foi um dos bons mestres que o Ateneu aqui teve e o meu pai também esteve em Vila Franca e, então, esse senhor, para não alongarmos muito a conversa, ele dizia que o problema... fizeram-me os exames todos à cabeça e aquela coisa toda, e epilepsia se tinha ou não tinha, epilepsia não era, era outra coisa, e ele disse à minha frente, digo isso até com um certo orgulho, (emociona-se) o problema do seu filho é “ter juízo a mais para a idade que tem”. Ele dizia “tem juízo a mais para a idade que tem”. Vou dizer-lhe uma coisa, professora, com dezoito anos eu fui sempre muito responsável, sempre. Eu era um homenzinho pequeno e não é por acaso que eu digo, na minha história de vida, (emociona-se) que aos oito anos de idade comecei a saber o que eram as dificuldades da vida e a perceber problemas que algumas pessoas só conseguem perceber alguns anos depois. Eu era miúdo e comecei a ver as dificuldades que a minha casa tinha, a minha família, os sacrifícios do meu pai e da minha mãe, eu comecei a perceber isso tudo com essa idade e isso a senhora já leu, com certeza, na minha história de vida. Isso ajudou-me... eu também fui estudar de noite e trabalhar, também foi por minha iniciativa própria porque eu achava que devia dar alguma coisa em casa. Não estou nada arrependido disso. Passados esses anos todos, não estou nada arrependido e fui trabalhar... com quinze anos, comecei a trabalhar na MEVIL, Mecânica Vilafranquense e por algum motivo eu evolui profissionalmente. Eu sabia interpretar muito desenho. Aliás, tenho habilidade para desenho técnico e desenho à vista. Tinha esse jeito e ainda não o perdi. E, então, aos dezoito anos, passei a fazer parte de uma comissão de trabalhadores e não é uma pessoa qualquer, passe a modéstia, não é uma pessoa qualquer que, aos dezoito anos, vai para uma comissão de trabalhadores onde estão a resolver problemas de falta de dinheiro para pagar aos trabalhadores, onde se tem contacto com patrões. O principal também era uma pessoa minha amiga e também se chamava (nome). Não é por acaso que estas coisas acontecem, portanto, isto também foi uma forma de ... eu com dezoito anos já tinha diálogos com... Lembro-me, quando foi o vinte e cinco de Abril, eu tinha precisamente dezoito anos, e fui à Cova da Moura falar com militares. Integrei um grupo de homens que alguns tinham quase a idade dos meus

pais, e outros nem tanto, fiz o acompanhamento disso e tive essa experiência. Curiosamente, não relatei na minha história de vida, mas também passei por essa experiência e isso deu-me algum, algum à vontade e deu-me uma outra perspectiva, uma outra capacidade de discutir e analisar coisas. Já com aquela idade, não era muito normal acontecer. Depois, passado algum tempo, já com vinte e tal anos, fui para a EDP, fui entrar num mundo um bocado diferente, muito mais exigente, onde a própria empresa obrigava, praticamente, a que nós próprios, sem querer, também estudássemos, procurando obter conhecimentos para obter um melhor desempenho na empresa, portanto, isso ajudou tudo ajudou a que eu me fosse desenvolvendo e ganhando conhecimento e adquirindo experiências que depois me serviram, obviamente, noutras coisas, que ao longo da minha vida.

I – Então em que medida é que considera que esse gosto pela leitura e pela escrita foi importante, por exemplo, como teve que escrever aquele discurso que proferiu aqui no Ateneu e que também está documentado na sua história de vida?

A - (emociona-se) Eu acho que foi decisivo porque estas coisas, não é por acaso que se aprende o a,e,i,o,u desde pequenino. “De pequenino é que se torce o pepino” como dizem os ... como sempre ouvimos dizer. Eu acho que sim, esse meu percurso e esse meu interesse pela leitura, esse meu desenvolvimento, essas minhas experiências que me ajudaram, para enfrentar uma multidão e estar a falar... Eu falo com milhares de pessoas como falo com a professora, que está aqui neste momento, eu falo com um doutor, um engenheiro. Eu tenho uma experiência agora de falar, por exemplo, com o presidente da EDP, apareceu-me ao pé da minha mesa e eu disse:”Doutor, já agora aproveito a sua presença aqui e quero fazer-lhe um pedido”. Eu estava com outras pessoas na mesa e depois é que soube que eram os administradores da Distribuição, da EDP Distribuição, da EDP Valor, salvo erro, não sei quê, e eles todos a olhar para mim, e eu falei com o Dr. (nome) como se ele fosse, e é, uma pessoa igualzinha a mim, que tem outras condições, outras responsabilidades na vida e as pessoas estavam muito a pensar, então, “o que está aquilo indivíduo agora”, mas depois, quando ele saiu, disseram-me “olhe que isto vai dar resultado”. Não tenho qualquer problema na comunicação com ninguém, desde o mais alto ao mais baixo. É claro que eu tenho experiência de autarquias, de estar doze anos em autarquias, de estar no sindicato, comissões de trabalhadores, direcções de clubes, pessoal. Nesta instituição, já levo quase dez anos como presidente, já levo muita coisa, depois sou presidente da Assembleia-Geral do Clube “Os sentinelas”, dos corpos gerentes dos bombeiros voluntários, sou dos corpos gerentes do União Desportiva Vilafranquense, sou assim porque, de facto, depois é um bocado difícil fugir a estas coisas. As pessoas vêem que nós temos determinadas capacidades e somos capazes de comunicar e fazer passar a mensagem, com maior ou menor facilidade e, portanto, acho que esta experiência toda que eu tenho e a facilidade com que eu escrevi e palavras da minha história de vida derivam muito dessa experiência que eu adquiri e do meu gosto para ler, falar e comunicar porque isso foi sempre ... essa é a minha imagem de marca, passe a expressão, digamos não é estar aqui, mas é a minha imagem de marca. Gosto imenso de falar. O meu nome, de facto... há um antagonismo perfeito (nome) e aquilo que eu sou. Gosto imenso de falar, gosto

imenso de comunicar, posso estar horas e horas a falar e, se forem pessoas interessantes, posso ... desde que a conversa seja interessante, porque conversas banais comigo não pegam. Quando a conversa tem interesse, sou capaz de falar com pessoas sabedoras e não é pelo estudo académico, por essa... Pessoas velhinhas que têm ... de vida, experiências, eu perco horas, não é perder, é ganhar, a falar e não por acaso que às vezes me encontram aí na rua e estou dez ou quinze minutos de conversa com essa gente porque têm uma riqueza interior muito grande e, portanto, tem tudo a ver com isto. Agora relativamente à pergunta se isso me influenciou na capacidade para fazer este trabalho que fiz, influenciou ... clara e decisivamente, não tenho dúvidas nenhuma.

O meu percurso desde miúdo, eu gostar de ler e de escrever. Lembro-me que, uma vez, fiz uma (emociona-se), a minha professora de Português, Mariana Cruz, nunca mais me esqueço, nós tínhamos aulas onde é agora o antigo quartel de bombeiros, e ela propôs que fizéssemos uma composição ou redacção e eu tenho imensa pena de perdido isso e não ter ficado... Mas o que é que essa história “O que eu é que eu via quando me via ao espelho?” e com base nisso resolvi (emociona-se)

I – Desenvolver o texto...

A – Desenvolvi o texto todo e miúdo como eu era, a professora para os meus colegas todos: “Olhem, eu gostava que ouvissem o que o (nome) escreveu e ler aquilo tudo na presença da turma e foi (emociona-se). Tenho pena de não ter ficado com aquilo, na altura não damos valor àquelas coisas, mas quase, eu acho que era capaz quase de transcrever aquilo que escrevi naquela altura, com a idade que tinha, os meus doze, treze anos, era capaz de o fazer de novo, e não tenho isso nem escrito nem gravado, nem nada. Mas, pronto, gostava muito de fazer composições, aquilo que chamávamos redacções, de escrever e depois era muito com base em coisas que eu já tinha vivido e, às vezes, apelava... às vezes não, quase sempre, porque para escrever é importante é preciso ter alguma imaginação também. Foi isso tudo, forma essas experiências todas que... Aliás, os meus filhos, que têm vinte e cinco anos e ela agora tem trinta, estavam na escola e às vezes viam-me escrever e diziam-me: “Então, pai, foste tu que fizeste isso?” e eu respondia “Fui.”. Eles ficavam assim um bocadinho...

I – admirados?

A – admirados, sim. A gente sabe que há muitos miúdos com imensa facilidade de argumentação e muita facilidade ... infelizmente, também há muitos miúdos que ... Vemos aí escritos feitos por miúdos que, já numa fase um bocado adiantada, escrevem como falam.

I – É de lamentar.

A – Sim, é de lamentar.

I - Em relação ao Ateneu, também é possível falar no tipo de documentos que tem que ler, assim como no seu trabalho?

A - No Ateneu, leio toda a correspondência que chega até à colectividade, desde a mais básica também nos chega a casa, até à que chega da Câmara Municipal, até aos protocolos que temos com a autarquia (Câmara e Junta de Freguesia), passando pela correspondência com outras congéneres, etc, etc. Leio

habitualmente os documentos que produzo para as assembleias gerais ordinárias ou extraordinárias da colectividade, ou discursos de circunstância, nestas últimas ou em cerimónias da Instituição: entrega de medalhas aos sócios por ocasião dos aniversários do Ateneu, ou ainda em cerimónias de recepção de entidades oficiais, mesmo governamentais, como já sucedeu em 1999, com o então Ministro da Cultura, Professor Doutor Manuel Maria Carrilho ou, em 2004, na recepção ao Secretário de Estado da Cultura, por ocasião da Inauguração do Grande Auditório do Ateneu.

I – E, então, em relação à forma como aprendeu a cantar e aprendeu música: nesses aspectos, acha-se um autodidacta?

A – Não, olhe, em relação à música, não tanto. O meu pai tinha imenso jeito para cantar, tinha um ouvido tremendo, a minha mãe também cantava muito bem. Da parte do meu pai, não conheço ninguém que não saiba cantar bem. Eu tenho uma tia com noventa e um anos, que é irmã do meu pai, que ainda canta, e parece uma miúda nova ... como músico nunca fui nada. Tive sempre... a minha apetência era mesmo para cantar e eu tive ... Está aqui um homem nesta fotografia (aponta) que, já depois de velho, comparando com a nossa idade, quis vir aprender música, portanto, ele veio para cá, chamava-se Zé Gato e queria ensinar-me a tocar viola quando eu comecei no Xira 73 ele é que era o guitarrista e, então, “ (nome), vou-te ensinar a tocar, para tu tocares baixo e eu solista, ele solava muito bem, era um guitarrista muito bom e fez no Casino de Espinho, quase até morrer, esteve até aos sessenta anos lá em cima em Espinho, ... E eu andei ainda a arranhar, eu fui para a banda do Ateneu tocar clarinete e depois saxofone tenor. Eu estou aqui (aponta para a fotografia), quando não havia saxofones tenores; depois não havia saxofone barítono porque havia um senhor que já era muito velhinho e o saxofone era muito grande, o maior de todos, um baixo, e eu há bocado contei essa história. Tenho uns dentes postiços e eu a tocar, como a boquilha era muito grande, grave e muito estridente, adormecia-me a boca toda. Uma vez, num desfile, numa primeiro lugar que nós ganhámos em Santarém, fui a tocar saxofone barítono. Fui um bocado mandrião para estudar solfejo, mesmo assim eu dava aqui na altura duas lições de solfejo por semana. Este é o actual director-adjunto (aponta para a fotografia), que estava ali na secretaria, na altura era um miudinho, até me tratava por você, dava-lhe lições de solfejo a ele e, agora, está na banda da polícia, é um músico de alto nível. Hoje nem sequer posso discutir música com ele, não há hipótese. Mas, portanto, para dizer que, aqui no Ateneu, com onze anos, eu cantei, pela primeira vez, com o Ateneu completamente à pinha. Cantei dois fados, o Embuçado, que tem muitos anos, e que hoje ainda se ouve muito cantar, e o era a Mentira Sagrada, que tem uma letra completamente ... um quadro de miséria autêntico. Para eu estar a cantar e estar a chorar, o que não é difícil (risos) pus toda a gente a chorar, a esposa deste senhor (nome) que ainda hoje é viva, tudo a chorar à minha volta. Também o Párrita, que é um músico de intervenção, eu tive sempre aquela coisa para cantar e digamos a música complementou o instrumento. Eu cheguei entrar num concurso de fados que a banda do Ateneu ganhou. Eu tinha mais ou menos esta idade (aponta para a fotografia), talvez, e fui... ganhámos o primeiro prémio e eu é que ia a tocar pratos. Embora não fosse o mais alto do grupo, era o mais velho e fisicamente suportava maiores

esforços. Então, eu ia tocar pratos porque exige alguma força e uma vez até saí a tocar caixa também, no Colete Encarnado. Havia um problema qualquer a tocar caixa ... toquei muitos instrumentos, mas como diz o coiso, nunca fui ... Eu queria era mesmo cantar, por isso é que aos dezasseis anos comecei a cantar no Xira 73, depois também ganhei o festival da canção de Samora, com uma letra minha, inspirado numa namorada, uma moça de quem na altura gostava, e quem fez a música... eu fiz a música, mas depois quem fez muita coisa foi o senhor (nome) aqui no piano, num piano velhinho que ainda temos ali atrás no Ateneu. Depois fui para outros conjuntos, o Xira 73, o Circuito ainda cantei no Opção, depois fiz o melhor grupo que eu tive até hoje que foi o Área que era um grupo muito, muito exigente, em que toda a gente sabia música, e fazíamos as nossas próprias orquestrações e digamos que a minha apetência foi sempre mais para cantar. Como acabaram as questões ligadas à música, e dança, se quisermos, a forma que eu tive de dar alegria à minha alma e pôr isto tudo a funcionar novamente e a cantar, a libertar-me nesse sentido, foi, de facto, a guitarra e a viola, com o fado que é uma coisa... eu oiço uma guitarra e uma viola bem tocadas e eu ... é uma coisa ... ainda há dias estive no União Vilafranquense, fui lá a uma festinha, no infantário da (nome) onde a minha mulher trabalha e cantei lá uma música, “Fado Lopes”, que é uma música muito exigente e difícil e depois tem que se cantar ao nível e ... tão bem, tão bem que as pessoas levantaram-se todas e começaram a bater palmas. De facto, senti-me muito bem porque eles também tocaram muito bem e as coisas só resultam bem e se estar a ouvir música bem tocada. Se houver alguém ... as coisas não resultam normalmente bem. Eu gostar de cantar tem exactamente a ver com isso... Já na escola, íamos para o Monte Gordo, com a nossa professora de Português, com as nossas professoras de Português, curiosamente qualquer uma delas era espectacular e com quem tive uma relação óptima, nós fazíamos aqueles passeiozinhos das turmas e havia sempre um ou outro mais maluco, como esmagadoramente eram miúdos calminhos, íamos fazer passeios para as Águas Velhas, e depois a malta pedia para eu cantar uma coisa porque sabiam que eu ... e passávamos bocadinhos espectaculares. Tento saudades desses tempos, obviamente. O facto de cantar e ainda hoje o fazer, até dizem que cada vez canto melhor (risos) e o facto de ter esta experiência já me levou a diversos sítios. Como eu digo na minha história de vida, já cantei para a televisão, mais do que uma vez, já fui ao estrangeiro três vezes e a última foi a São Tomé e Príncipe, mas eu vim de lá um bocadinho chocado com o quadro de miséria muito complicado. O país é lindíssimo em termos daquilo que a natureza consegue dar àquelas pessoas, mas depois não é suficiente. Mas para não me distrair daquilo que estamos a falar...

I – Sim...

A – Fui lá por exactamente dizerem saber cantar um bocadinho. Aliás, não iam lá levar ninguém que não soubesse cantar um bocadinho...

I – Não sabia que já lá tinha ido. (nome), outro aspecto que também tem a ver com o desenvolvimento das suas competências noutra âmbito, agora já é Continuamos no domínio privado e tem a ver com o facto de ter casado relativamente novo...

A –Vinte e dois anos.

I – e como é que aprendeu a gerir o orçamento, o orçamento familiar?

A - Olhe, professora, vou-lhe contar uma história. Eu tive que aprender a gerir o meu orçamento porque fui, mudei para a EDP... na altura, ganhava nove contos e duzentos por mês e depois fui para a EDP ganhar, salvo erro, dez e cem. Passado algum tempo, catorze contos com mais cem escudos e depois eu fui, casei. Namorei cinco anos com a minha mulher, ela era novinha, eu também era, comecei a namorar com ela tinha dezassete anos, casei aos vinte e dois, e morava num quartinho de madeira que eu próprio fiz no Bairro dos Pescadores, ao pé do Pavilhão do União Desportivo Vilafranquense. Era tudo em madeira e até havia lá uma lojinha em madeira, no próprio Bairro dos Pescadores e, então, fiz o meu quartinho de madeira. Vivi ali com a minha mulher durante dois anos. Nesse período, entretanto, ela quis sair daquela casa... porque ela também podia ter tido uma carreirinha mais engraçada, mas depois de os filhos estarem criados também conseguiu esse seu objectivo e ainda bem. Como dizia, estive a morar nesse quartinho de madeira e houve um concurso de habitações de renda social, a que eu concorri e, felizmente, calhou-me o 3º Esq. do lote K, no Bairro do Fundo de Fomento da Habitação; estive aí relativamente pouco tempo e quando eu comecei a ter que saber e a ter que gerir verdadeiramente o meu orçamento, a sério, foi quando eu vim para Vila Franca, para a casa onde eu ainda hoje moro, no centro de Vila Franca, ali mesmo junto ao largo da Câmara. O homem pediu-me três mil e duzentos contos pela casa, mas fez-me um pedido ainda maior, pediu-me mil contos de entrada. Eu nunca tinha visto, na minha vida, mil contos, nem sequer quinhentos, de modo que eu vendi o meu Datsun 1200, (emociona-se) eu vendi um atrelado que eu próprio tinha feito e com o qual ia de férias com a tendinha, a barraquinha, e não sei quê e o que mais. Depois houve uma prima minha, que morava na rua José Falcão, a minha prima Eugénia, que foi pedir aos pais dela, que eram trabalhadores, pessoas humildes, mas que conseguiram juntar um dinheiro para ter o seu pé-de-meia para dar aos seus filhos, para me emprestarem o resto do dinheiro. Vou contar uma coisa à professora: eu não (emociona-se)... não descansei mais, enquanto não paguei o dinheiro que devia. Na EDP, houve uma altura em que num mês trabalhei doze horas por dia; já não sabia quando era segunda, terça, quarta; foi um mês em que ganhei muito dinheiro e praticamente consegui pagar o dinheiro que eu devia. Nesse período, vou dizer à professora o que eu fazia: eu sabia que tinha aquele compromisso para pagar e com o qual tinha que me responsabilizar, apesar da minha juventude, tinha que trabalhar. Os meus sogros não podiam suportar, de todo, aqueles encargos, apesar da ajuda que me davam. Compravam-me sempre um farnelzinho; impreterivelmente, a minha sogra chegava com um farnel para mim, todas as semanas, com mercearias, carnes, deu uma ajuda tremenda e isso permitiu juntar um dinheirinho. Vou contar uma história: cheguei a Lisboa e tinha uma garrafa de gás, porque entretanto, não entrei logo para aquela casa e chegaram a saber ... porque entretanto não entrei logo, e como sabia que tinha aquele dinheiro, comecei logo a organizar, a poupar todo o dinheiro e nem sequer ia beber café, juntava o dinheirinho todo e sabia que, no final do mês, tinha que ter aquele dinheiro todo e fui pedir um empréstimo à Caixa, foi-me concedido e tinha outro encargo e comecei a juntar as pecinhas todas, tinha que pagar aos pais da Eugénia e apareceu mais isto. Trabalhei durante um mês doze

horas por dia e, em horário nocturno, ganhei mais dinheiro por isso; entretanto, tive uma garrafa de gás em casa porque eu praticamente ... criei um estilo de vida durante dois anos, dois anos e meio, porque só ia ficar à minha casa para dormir. De resto, todo o dinheiro era junto para pagar o que devia e ter dinheiro para pagar à Caixa. Com a ajuda dos meus sogros é que consegui realmente descansar porque, na altura, em que, do que ganhava na EDP, um terço ou mais era o que eu tinha de pagar como prestação. Depois consegui, com calma, sem exageros, porque eu nunca tive uma vida faustosa, longe de mim, ainda hoje não a tenho, sou uma pessoa que não sou de exageros, sou simples, não me privo de ... mas, se for preciso, privo-me de alguma coisa, se for preciso, de facto, isso acontecer. Portanto, depois pela minha profissão, pelo meu desenvolvimento, pelo caminho que trilhei, pelos objectivos que consegui, mesmo profissionais, fui melhorando, fui tendo melhores ordenados, mas nunca de excessos. Nunca gastei dinheiro que não tinha e consegui sempre orientar-me nesse sentido. A partir do momento em que a minha mulher começou a trabalhar, isso constituiu logo uma ajuda, digamos que conseguimos consertar as coisas de tal modo que, sempre com tudo certinho, conseguimos pagar a minha casa antes de cinco anos, que era normal para aquele tempo, de tal modo que acabei de pagar aquela e meti-me noutra e estou a pagá-la. Agora ainda tem que ser com mais rigor, não é fácil estar a pagar, todos os meses, quinhentos, seiscentos euros, por uma outra casa, quando já se tem uma e fazer outra. Consegue-se com alguma ginástica e sem exageros para não correr riscos e sem ficarmos ... Sem estar a particularizar em termos quantitativos, tive sempre muita orientação à poupança, caso contrário não podia ter duas casas como eu tenho e como costumo dizer, não tenho casa na praia, mas tenho no campo e outra em Vila Franca de Xira, mas trabalhei muito eu e a minha mulher, sem sombra de dúvida.

I – A propósito da construção da casa, em Vale da Pinta, para além de tudo o que tem a ver com a construção, há um episódio que dá origem à compra do terreno, à venda e à compra do terreno, e que explorou na sua autobiografia; é um episódio que eu destaco na medida em que parece que há aí muitas competências éticas e cívicas. Gostava então que desenvolvesse...

A – Eu acho que vou contar isto pela milionésima vez. Nunca me vou cansar de contar até ao resto da minha vida (emociona-se). Ainda ontem passei na travessa de S. Pedro, em Pontével, é a rua da casa desse senhor que se chamava (nome). Era um senhor que era vizinho porque tinha um terreno vizinho, muito próximo daquele que era do meu pai, que o meu pai herdou dos meus avós e, portanto, o meu pai ... O meu avô (nome) tinha decidido que o terreno era para o filho e a casa era para a filha, mas o meu tio, que era entretanto já casado com a minha tia, também estava interessado no terreno, mas o meu pai gostava muito da irmã, mas não estava achar muita piada àquela história do meu tio meter-se no terreno e como não queria aborrecer-se com ele, decidiu sair de Vale da Pinta por uns tempos e decidiu encontrar uma pessoa a quem gostasse de transmitir a posse do terreno. Foi esse senhor de Pontével, o senhor (nome), vizinho, entabulou conversa lá com ele e disse-lhe se queria comprar o terreno. Ficou muito admirado por querer vender o terreno e o meu pai contou-lhe o porquê e lá chegaram a acordo. O senhor falou em cinco contos de réis, naquela altura, e eu estava longe de imaginar, só soube disso mais tarde,

talvez tivesse dez ou onze anos, numa altura em que o meu pai veio trabalhar para a ponte de Vila Franca, o meu pai nem conhecia a minha mãe, por isso isto tem uns anos bons, mas, entretanto, quando o meu pai chega a acordo com o senhor, diz-lhe que se um dia quisesse comprar o terreno novamente o fazia. O senhor disse ao meu pai que sabia por que estava a vender o terreno, e sabendo o amor desmedido que tinha por aquela parcela de terreno, que era uma herança do pai dele, que o vendia pelo mesmo preço que lho estava a comprar naquela altura. O meu pai ouviu isto e não levou a sério, na medida em que hoje pensamos que está a dizer aquilo, mas não valia nada. A verdade é que passados alguns anos, tinha eu cerca de onze, a minha mãe, naquela semana, disse-me que ia a Pontével, com o meu pai; em Vale da Pinta, ia acontecer uma coisa gira e ia gostar – disse-me ela. Eu ia naquela expectativa, a minha mãe lá ia abrindo um bocadinho, revelando um bocadinho mais do segredo, mas o meu pai fazia. A professora imagine: o meu pai era serralheiro, nessa MEVIL, a metalo-mecânica, ali em cima, em Santa Sofia, E o meu pai criava as ovelhas, fazia rifas e depois sorteava as ovelhas. Eu perguntava: o meu pai está a fazer isto para quê? Nós éramos pessoas pobres, mas eu não percebia muito bem porquê. Via o meu pai a amealhar o dinheiro todo que podia, com muito sacrifício. Tinha que ser com extras ao ordenado dele para fazer face a estas coisas e ele não tinha ideia nenhuma do dinheiro que o senhor ia pedir. Tinha a ideia de que nunca podia ser o mesmo dinheiro que ele tinha vendido o terreno. Eu tinha, então, onze anos e lá vou eu com o meu pai de camioneta. Na altura, só havia camionetas e eu nunca me esqueço que o meu pai tinha tanta ansiedade de chegar a Pontével. A primeira camioneta a sair para lá era a uma determinada hora que eu já não me lembro e ah! ... fomos de comboio para a Azambuja. Depois, como a camioneta só saía para Pontével duas horas depois, o meu pai desafia-me a ir a pé. Então, fomos e são cerca de quinze quilómetros. Fomos direitos à travessa de São Pedro. Então, batemos lá à porta e aparece a filha desse senhor a dizer ao pai que era o (nome). Eu também entrei com o meu pai e o senhor perguntou: “Então, o que é que vai (nome)?”. Estava já a adivinhar o que ia acontecer e, com vergonha, o meu pai que, naquele dia, não estava com aquele espírito reinadio, estava mais comedido, disse ao senhor (nome) se se lembrava que, no dia da venda do terreno, que lhe tinha dito se um dia quisesse comprar de novo o terreno (emociona-se), o senhor o vendia. O homem, ó professora Conceição, o homem disse ao meu pai: “Eu disse isso nesse dia e é isso mesmo que vai acontecer.” Perguntando-lhe o preço, o senhor reafirmou o que tinha dito naquele dia, o preço era o mesmo da venda. O meu pai ainda disse que era brincadeira, mas mais palavra menos palavra, foi isso que eu registei desse dia. O homem disse ao meu pai que não queria nem mais um tostão do que aquilo que o meu pai tinha vendido. O meu pai desatou a chorar; isto de sermos assim chorões já é de família, porque o meu pai também reagia assim muito emotivamente. O meu pai não se conseguiu conter e ficou um bocado atrapalhado e nem queria acreditar naquilo que estava a ouvir. Era uma coisa absolutamente impensável, decorridos tantos anos um homem estar a dizer que só ia pedir o mesmo dinheiro pelo qual tinha feito a transacção anos antes. O meu pai continuava a não acreditar naquilo e o homem insistia. Foi isso exactamente que aconteceu. A única coisa que o meu pai pagou a mais foi o que combinámos, o meu pai ia pagar um almoço, num restaurante no

centro do Cartaxo, mais ou menos onde é a Câmara. Mais uma vez fomos a pé do Cartaxo para Vale da Pinta, são quatro quilómetros, chegámos lá já à tardinha e o meu pai percorreu o terreno dezenas de vezes para baixo e para cima e, de vez em quando chorava ou fazia-me uma festa na cabeça. A loucura dele era o terreno e, estupidamente, morreu por causa do terreno num acidente na auto-estrada. Fomos depois para a casa da minha tia porque a minha tia morava em Lisboa, mas tinha a casa sempre disponível se o meu pai fosse a Vale da Pinta. O meu pai, abraçado a mim, chorava e, então, a partir daí, lá já vão quarenta e três anos, o terreno passou novamente para os (nome), alcunha que o meu pai tinha. Tem estes anos todos esse acontecimento e acho que aquela febrezinha, (emociona-se) não sei se por essa ou por outra ordem de razões, fez com que passasse para mim e eu próprio já não consigo passar uma semana sem ir lá. Por isso, investi lá o dinheiro que investi naquela casa, tem uma vista espectacular, vejo o Montijo, vejo o Cartaxo, vejo para os lados de Almeirim e os lados da lezíria e gosto imenso de lá estar e esse bichinho ficou. Como aquilo tem um valor incrível, em todos os aspectos, o material é, sei lá, tem para mim um valor quase incalculável, o que aquilo custou, os sacrifícios que o meu pai e a minha mãe fizeram para manter aquele terreno, as vicissitudes que aquele terreno envolveu, isso tudo faz com que tenha um valor muito grande, o que faz com que eu não consiga viver sem lá estar também um bocadinho.

I – E considera que a situação ficou marcante pela situação em si ou pelas pessoas que estão envolvidas?

A – Pelas pessoas, pela palavra de honra (emociona-se) porque a palavra de honra, nesse contexto, a palavra de um homem teve mais valor do que tudo. Já naquela altura se faziam contratos, com certeza, ... com as transacções que se fazem perfeitamente inconcebíveis que nós vemos todos os dias nos jornais ou na televisão. Naquele tempo, a palavra tinha outro valor; é isso que eu destaco e o valor que dou a este episódio é que estamos a falar de pessoas que não sabem ler. O meu pai escrevia bem e lia, o meu pai era um homem do teatro também, mas estamos a falar do outro lado, de alguém que não sabia ler, era uma pessoa inteligente, sensível, humilde, amigo do seu amigo e, para ele, a palavra era tudo. Ó professora, não foi preciso assinar nenhum papel, não vi nenhum papel na mão dele nem na mão do meu pai, foi apenas a palavra que funcionou ali. E repare, o meu pai, quando dá o dinheiro naquele dia àquele senhor, não escreveu nenhum papel. Quando dá novamente cinco contos ao senhor (nome) para aquele terreno, não, as coisas trataram-se, eu também acompanhei o meu pai no dia da escritura e o senhor perguntou se as coisas estavam todas pagas e se estava tudo bem e não houve lá mais nada. Foi apenas a palavra de honra e isto para mim (emociona-se), isto para mim é que é completamente decisivo. Não conheço nada assim, nada deste tipo. O que a gente ouve aí é pessoas matarem-se por uma faixa de um metro de terreno e não sei quê. Deu um tiro e deu uma facada. Aquilo... ali houve que o senhor manteve a sua palavra uma data de anos e depois desses anos todos, o meu pai não queria acreditar naquilo que estava a ouvir. Eu penso que aquilo que o meu pai imaginou, já não consigo perceber exactamente, mas ele chorava compulsivamente, agarrado a mim, ainda na época do candeeiro a petróleo, era ainda a pensar na palavra daquele senhor (emociona-se). Fiquei sempre com isto na minha, dentro de mim. Ó professora Conceição, tenho que lhe dizer, eu já como presidente desta casa, a banda do Ateneu foi convidada para fazer um

concerto na casa do povo de Pontével (emociona-se) e havia pessoas que conheciam muito bem o meu pai e admiravam-se do meu pai que era a alegria daquela terra, ele e a minha tia que ainda hoje é viva. Faziam festas, teatros, cantavam para aquele povo todo e para aquelas terras ali próximas e diziam e algumas sabiam deste episódio. E sabe o que é que eu fiz? Não sabia se estavam pessoas da família ou não (emociona-se), mas eu contei este episódio. A banda do Ateneu estava lá e eu agradei a prenda dada e dirigi umas palavras às pessoas de Pontével e falei daquela pessoa e foi das coisas mais bonitas que eu pude fazer na minha vida. As pessoas perceberam qual era a mensagem que eu estava a querer passar. Depois eu fui sabedor... isso é que atrapalhou um bocadinho, nunca mais encontrei... Daquela família já só é viva a filha. Já pensei em ver se consigo encontrar a senhora; na altura, ela era uma senhora e eu era um miudito de onze anos, e sei que, depois disso, a vida deles não foi fácil. Sei que já houve um advogado, que eu conheço porque andou comigo na escola, que já quis ficar com as coisas. Já pensei em ir ter com ela para saber se precisa de alguma coisa, e para lhe dar um beijo, por que de facto as coisas não são fáceis, e ter pais destes que filhos de famílias não deviam passar depois por situações como aquela, ouvir dizer o que a pessoa está a passar. Isto tem a ver com a palavra, e eu fiz questão, lá nesse dia, em que o Ateneu lá visitou, de contar este episódio sobre uma pessoa de Pontével. Se um dia visitar Pontével, foi na travessa de São Pedro, lá ao pé do muro que tudo isto aconteceu.

I – Então, tudo isto que aconteceu, estes valores que são mais caros ao Mário também se relacionam de alguma maneira com aquele episódio que aconteceu na rua onde mora, mesmo em frente à sua casa, em que teve que socorrer uma pessoa que estava a ser espancada.

A – Sim, sim, isso foi uma coisa muito desagradável. Ainda bem que, passados esses anos todos, eu já passo por esses jovens, continuam a ser jovens, têm trinta e tal anos, e com excepção de um ou outro, e todos me falam e cumprimentam e, curiosamente, o pai de um deles, dos principais protagonistas porque foi um dos que eu vi bater até ao último momento ao homem é meu amigo, é uma pessoa que me cumprimenta e gosto muito dele, mas estava longe dessa amizade que se fortaleceu depois deste episódio e, no entanto, era o filho dele. Aquilo foi muito complicado porque eu estava em casa, descansado da minha vida, acho que até estava a ver o telejornal, e começo a ouvir uns sons, eram duas miúdas a reagir como se fossem elas a levar os murros e os barulhos de atirarem o indivíduo contra uma caixa da EDP, que ainda hoje fica ao pé do café Central, depois de terem passado e batido com o homem no meu carro. Na altura, tive um prejuízo de setenta contos e nunca fui ressarcido. Venho, então, à janela e vejo uns indivíduos a baterem a uma pessoa que está no chão, já inanimada, só o ouvi a balbuciar qualquer coisa como “ajudem-me” e vi uma senhora a gritar, que eu vi logo, que era a mulher dele, e duas meninas dentro do carro a chorarem. Saí logo de casa e perguntei o que estavam a fazer ao homem. Professora, eu já contei várias vezes este episódio, havia montes de gente na rua e ninguém mexia um dedo. Eu é que saí para a rua e ainda peguei no braço de um deles. Um desses moços ainda mora aqui e tinha problemas de droga e coisa e tal e, na altura, andava um bocado mal; há muito tempo que não o vejo, mas os pais moravam também aqui. Estava também outro moço cujo pai também conheço e hoje até somos amigos e

sabe que testemunhei contra o filho dele. Isso é uma coisa importantíssima para mim. Assisti àquele quadro incrível que terminou logo ali, só que eu comecei logo a ver, a senhora disse-me que era um grupo e comecei a ver que era o filho de um amigo meu e outro era filho de uma senhora que trabalha na Caixa Geral de Depósitos e que vejo habitualmente em Vila Franca. Ainda havia outro, filho de uma professora que morava no Bairro do Paraíso. Vejo um quadro daquelas, todos filhos de amigos ou de pessoas conhecidas, isto é quase impossível, mas eu não resisti, portanto, eu chamei à atenção para o que estavam a ver. Depois, o episódio foi mais ou menos esclarecido, arranjaram um caldinho e o outro também fez panelinha, deu umas palmadas em cima do outro e o outro saiu para a rua. Um só contra oito não tinha hipótese. Depois os jornais publicaram uma fotografia e ainda hoje tenho isso guardado e eu aquilo que fiz foi pedirem para chamar a polícia, já sabia quem eram as pessoas todas e ia a Tribunal testemunhar. Quando a polícia chegou, apontei-os todos. O que aconteceu, professora? Depois eram as mães, os pais a pedirem... mas eu sei que todos eles bateram no homem, mas de facto só dois é que vi ainda a bater no homem já inanimado, no chão, e eles a continuarem a bater-lhe e a atirá-lo contra a caixa da EDP, com a cabeça. Foi naqueles dois que eu incidi mais a minha observação porque eles eram todos do meu grupo e foi isso que fiz. Só que aqui levou cinco anos, o que eu andei a caminhar para o Tribunal, ia lá mas não se fazia nada e, ao fim de cinco anos, praticamente deu batatas, como diz o outro, e eu andei ali e ainda tive alguns problemas porque isto belisca sempre a amizade e o relacionamento, porque eram filhos e as pessoas percebendo, que eu estava naquela posição, tentaram que eu não testemunhasse contra os filhos e só dizia “não me peçam para não fazer nada, porque isso é que eu não vou fazer.” Eu fiz e fiz questão de o fazer de uma forma muito ..., deu-me dissabores e até se eles fossem vingativos porque eram jovens e eu já de mais idade, mas sinceramente isso nunca me passou pela cabeça. Fui enfrentando os problemas de frente, com razão, porque a razão transforma tudo, porque a pessoa que tem razão, tem sempre razão. Às vezes, querem tentar que não seja assim, mas eu acho que é assim e, portanto, eu achei que devia tomar uma posição. Eu fiquei completamente indignado com aquilo que vi porque foi um acto cobarde. Fiquei transtornado com o choro das crianças dentro do carro e a mãe, aflita, deixou as crianças dentro do carro. O que é facto é que o caso andou cinco anos enrolado no Tribunal, andei a pedir dispensas no trabalho para ir testemunhar e custou muito porque andavam ali pais, mães, foi muito difícil, mas tive que fazer aquilo que a minha consciência ditava porque (emociona-se) fui educado assim. Não sou filho de gente abastada, até pelo contrário. O pai e a minha mãe... e não é por acaso que eu sou uma pessoa da carreira técnica, um tipo ligado à caldeiraria e à mecânica, às máquinas e às caldeiras, a essas coisas, mas eu tenho a minha paixõzinha, eu não sei se vou ter tempo para o direito. Também sei que o advogado tanto defende o assassino como a pessoa que é o melhor dos cidadãos e eu tenho um sentido de justiça que é muito apurado, não gosto de ver (emociona-se) injustiças, não gosto dever humilhar as pessoas, não gosto que gozem, que façam pouco de alguém, mesmo às vezes de uma forma muito velada, mesmo às vezes de um amigo ou de um filho meu fazer um comentário um bocadinho depreciativo, eu não lido com isso. Principalmente, o meu pai estava sempre a dar-me exemplos de ... “não faças isto, não faças assado”

e eu sempre fui muito seguidor das coisas boas que o meu pai tinha e eu acho que fui seguidor em absoluto das coisas do meu pai. Só não fui, mas ele depois foi capaz de deixar de fumar, eu nunca fumei na minha vida.

I – É também esse sentido de responsabilidade que está por detrás daquela decisão que tomou de ser tutor do seu afilhado?

A – Ah, sim. A professora não está a olhar para o papel e tem isso tudo registado. Foi também, mas deixe-me dizer-lhe uma coisa. (emociona-se) Eu adoro esse afilhado que tenho. Pelas circunstâncias todas que rodearam a sua infância. A minha prima é contínua aí numa escola, a tal que me ajudou a encontrar o dinheiro para pagar a minha casa. Estava na casa onde a gente ensaiava antigamente e vieram dizer-me que o meu compadre se tinha matado. Aconteceu aquele episódio e o meu afilhado fica sem pai; a minha comadre e prima fica numa situação muito complicada também, os pais estavam afastados. Há uma coisa que para mim é muito importante e fundamental nesse processo. Quando sou apontado para ser tutor do meu afilhado, eu era um jovem, um miúdo, praticamente, embora com idade para ser tutor. Quando já era adulto e sou confrontado com isso, o que me marcou profundamente foi o facto de a família, quer do lado da minha comadre, quer do lado paterno, ninguém se ter oposto a isso. (emociona-se) Eu sabia que era querido das famílias porque a relação que eu tinha com a minha mulher, já desde os dezasseis anos, fazia-me passar muito tempo na aldeia dos pescadores, a aldeia do Esqueroubim, ali para os lados de Salvaterra. A professora não conhece?

I – Só de nome.

A – Então convido a professora a ir lá e a ir ver. Então o que é que acontece? Também por essa vivência, as pessoas foram-me conhecendo e eu digo que, também por isso, do lado da família do meu compadre ninguém se opôs. Toda a gente concordou e eu não tive problemas nenhuns a assumir aquela responsabilidade, sabia que tinha que haver a figura do tutor e sabia que a minha comadre gostava desmedidamente dos filhos e nunca haveria problema nenhum. Só precisava que eu ajudasse naquele momento a tomar conta daquela criança; também fui tutor do filho mais velho. Tinha problemas cognitivos, mas conseguiu organizar a sua vida, tem uma família bonita e o meu afilhado também. Foi uma coisa incrível, uma responsabilidade que eu assumi, mas que foi absolutamente tremenda (emociona-se). Agora vou mostrar uma mensagem à professora...Eu sou uma desgraça nisso (pega no telemóvel) (emociona-se).

I – Hoje, ao relembrar, tantas situações da sua vida, estou a causar-lhe muitas emoções.

A – É, é. Quero mostrar-lhe isto... Ó professora, só um bocadinho ...

I – Sim, sim.

A – Tenho isto aqui... Sei que tenho isto aqui...

I – Não se preocupe.

A – Sabe o que é? É que estou ...É eu fiz questão... Isto tem tudo a ver com aquilo que estamos aqui a ver e a tratar

I – Sim, sim.

A – Embora o meu afilhado soubesse mais ou menos as circunstâncias em que as coisas aconteceram, fiz questão de enviar, até para ele, o texto que eu fiz em relação ao meu afilhado, na minha história de vida. (emociona-se) Liguei para ele e o meu afilhado respondeu com uma mensagem, quase de imediato, que ... (emociona-se) a dizer que gostava de mim não menos do que... não conhece outra pessoa de quem goste mais do que eu e que sabia o que eu tinha feito por ele. Está aqui uma mensagem e eu ainda vou procurá-la para a senhora ler, se quiser. Isso não queira saber. Também enviei à minha afilhada do Fado, a (nome) e depois mandei para ele. A mensagem que eu tenho no telemóvel fez-me ver que valeu tudo a pena, o que eu fiz. Ainda viveu dois anos comigo na casa de Povos; depois a mãe conseguiu arranjar emprego na escola e a refez a vida e, portanto, e mais ou menos as coisas organizaram-se. Fui sempre o tutor dele até ele ser maior e hoje eu adoro o meu afilhado porque é um homem responsável, tem uma família muito bonita também e valeu a pena tudo o que eu fiz por ele. Gosto desmesuradamente dele... (emociona-se)

I – E são responsabilidades que se renovam quando o (nome) se torna pai.

A – Exactamente. Isto aconteceu antes de eu ser pai. Fui pai antes, na verdadeira acepção da palavra. Também me deu, mais uma vez, professora, uma capacidade... o tal amadurecimento prematuro de que falei tem a ver exactamente com isto. Adquiri experiências na minha vida, adquiri conhecimentos que me valeram, digamos, e têm-me valido, mesmo tendo acontecido há muitos anos, isso serve-me para fazer uma avaliação, em determinada altura, com um assunto mais ou menos parecido, mais ou menos semelhante com o que ocorreu, e sei distinguir e separar as coisas porque eu vivi situações dessas. Estamos a falar de situações como se viu agora, se o pai tem direito, o pai adoptivo... Vejo essas coisas e tenho uma leitura dessas situações muito minha, com base nestas experiências todas que ... Eu era um moço com vinte anos, e depois passados anos, aos vinte e quatro anos é que tive o meu primeiro filho, a minha filha Cíntia. Eu, claramente, era uma pessoa mais preparada e mais responsável. Nunca fui uma daquelas crianças que só brincava, pensava já um bocadinho mais, a tal história de ter juízo a mais, eu acho que foi um bocadinho isso que me aconteceu, mas não me arrependo nada, não me fez nada mal porque também brinquei como os outros. Essas coisas todas permitiram-me que eu hoje esteja aqui no Ateneu, como estou nos bombeiros, como estou na junta de freguesia, como estou numa reunião da câmara, como falo com um ministro, como a professora bem sabe. Consigo fazer um discurso ou de improviso ou qualquer coisa que escrevi, todas essas coisas é que fizeram que fosse capaz de chegar onde cheguei, até profissionalmente na minha empresa, ajudaram-me, fortaleceram-me, enriqueceram-me, deram-me capacidade para enfrentar mil e uma situações. Ninguém sabe tudo, a gente vai aprendendo ao longo da vida, com as dificuldades, com as facilidades, isto foi difícil, foi assim, foi assado, foram essas coisas todas que me ajudaram a ser a pessoa que sou hoje. Gosto muito de ser o que sou.

I – O (nome) acabou esta parte com a reflexão que eu procurava, espontaneamente, e vamos procurar agora outras reflexões decorrentes das várias experiências que tem tido. Já falou um bocadinho no sindicalismo...

A - -Sim...

I – Gostava que falasse também do período em que esteve como executivo na junta de freguesia. Que outros saberes e competências considera importantes e que adquiriu nesse período?

A – Olhe ... entrei, embora não me considerasse político, é verdade é que entrei por uma determinada facção política, por um partido, é claro que também está na minha história de vida. Primeiro, entro numas assembleias de freguesia, lembro-me que a primeira em que entrei foi exactamente naquele período em que houve a invasão em Angola pelos sul-africanos, acho eu. A actual presidente da câmara fazia parte dessa assembleia, ela numa determinada corrente partidária e eu noutra, obviamente. Nós éramos conhecidos e somos amigos, apesar de tudo. Eu entro, então, na política e como candidato à freguesia porque, pronto, se calhar exactamente por isso, porque era um jovem. Se perguntar, se calhar ainda há muitos jovens que ainda me conhecem. Se perguntar de uma ponta a outra de Vila Franca quem é o (nome), toda a gente me conhece e já era assim quando eu era miúdo. A minha vida é assim; na banda conheço montes de gente, a cantar nos conjuntos e conheci milhares e milhares de pessoas. Tenho um episódio engraçado. Estou numa central da EDP, todas as pessoas que estão nas centrais conhecem o (nome). Perguntam-me como é que isso pode acontecer? Tento explicar às pessoas, sou um cidadão que correu por aí muito sítio, pelas circunstâncias da minha actividade e também, naturalmente, em Vila Franca, isso também se verificou porque o Ateneu, enquanto estive aqui no Ateneu, jovens e adultos sabiam quem eu era. Lá fora, fui sempre uma pessoa com um comportamento, digo eu, exemplar, porque acho que tenho sido e isso é um capital. As pessoas sabiam que era ... foi capital que eu ganhei e, portanto, uma mais valia e penso que fui convidado para ser candidato um pouco nessa base. Eu era um jovem mas um tipo com estas características, conhecido, toda a gente gosta dele, tem muitas amizades, tenho amigos em todos os quadrantes políticos e partilho com eles, alguns até são muito íntimos e não tem nada a ver com a minha opção política. De certeza que é por isso que sou convidado, primeiro para a assembleia e depois com certeza por me destacar nas assembleias pelo trabalho que desenvolvia. Depois sou convidado a fazer parte para uma lista para o executivo, a primeira vez foi com o presidente, Dr. (nome), tremendamente espectacular, uma das pessoas que eu mais admiro na minha vida, um homem com um nível tremendo. Ainda hoje sou muito amigo dele. Aprendi muito com ele, por esta coisa de a gente saber tudo não é assim, nós aprendemos tudo uns com os outros, coisas boas. Aquilo que conseguimos beber de bom é sempre muito melhor do que o resto e com ele aprendi muito e ele tinha muito a ver com a minha forma de ser e de pensar e de estar na vida. É uma pessoa muito simples e muito educada, uma pessoa muito equilibrada, muito amigo do seu amigo e trabalhadora incansável e aí também aprendi com essa pessoa. Naturalmente, ganhámos com maioria absoluta, a eleição para o executivo da junta de freguesia foi com maioria absoluta. Penso que dei um bom contributo, embora ainda fosse muito

jovem, dei um contributo bom, trabalhei para que nem um desalmado, foi uma das coisas que mais gostei de fazer na minha vida, professora Conceição, foi trabalhar nas autarquias. Eu estava a trabalhar para a minha terra, para a gente, para os meus amigos, a melhorar os espaços verdes. Havia mil metros quadrados de zona verde, verde-negra, e eu passei para vinte e cinco mil metros quadrados de zona verde e bem arranjada. Ainda hoje lá está e que se pode ver e que foi da minha lavra. Com um contributo larguíssimo meu é aquele canal da EPAL, na Quinta da Mina, fui eu que fiz o esboço. Falei com os tipos da EPAL, que eram terríveis e queria fazer isso naquele espaço que eram deles o canal. Fiz reuniões com os moradores, mais uma vez a minha capacidade de comunicar com as pessoas e dizer que estávamos ali para criar um espaço bonito, para enriquecer e valorizar aquela zona. Fiz reuniões com os moradores, foi uma experiência espectacular. Nunca mais me esqueço dessas reuniões. As reuniões eram descentralizadas; fazíamos nas várias zonas da freguesia, as pessoas, os interesses das pessoas que está aqui em baixo não coincidem exactamente com aqueles interesses das pessoas que vivem mais nos montes, na zona mais rural do concelho, da freguesia, há interesses em comum, mas alguns são diferentes e agente tem que saber chegar e satisfazer na medida do possível. Eu, com outro presidente de junta com quem estive, que também gostei, com quem aprendi também alguma coisa, tive alguns problemas de a gente encarar e ver as situações. Às vezes, dizia-me uma coisa que me incomodava muito; perguntava-me quantas pessoas moravam cá em baixo, na zona urbana, e fora, nos casais, e aquilo para mim era uma coisa muito complicada. Os aborrecimentos que tínhamos tinham a ver com isso. Pensava que a pessoa que morava lá em cima, num casal, e tinha um caminho de terra batida tinha tantos direitos como os que viviam cá em baixo e, logo, tinha que ser atendida na medida do possível. Essa foi uma das minhas lutas. E não é por acaso que, ainda hoje, há pessoas que pensam que ainda estou na junta, percebe, professora?

I – (imperceptível)

A – Há pessoas que ainda perguntam se estou na junta e respondo que não estou. Até uma ocasião, com o presidente que estava lá na altura (nome), fui dar uma volta por Santa Sofia, e vinham ter comigo como se eu fosse o presidente, eu ia só como elemento da comitativa. Gostei imenso desse trabalho, ajudou-me imenso e, mais uma vez, a minha capacidade de comunicar, a minha experiência anterior de jovem e menos jovem e o conhecimento que tinha da terra. Conheço Vila Franca como conheço a palma das minhas mãos, cada cantinho, sei os nomes todos das ruas, se calhar agora não sei os nomes das mais recentes. Trabalhava noites inteiras a marcar zonas de estacionamento, para não haver confusões durante o dia. Passava fins-de-semana de volta daquilo. Adorei trabalhar nas autarquias. Estava a melhorar a vida das pessoas, também a minha, como cidadão vilafranquense e não sei quê, foi uma alegria tremenda para mim essa cena e isso culminou com o trabalho, culminou com eu ser cabeça de lista e candidato. Curiosamente, numa altura em que toda a gente dizia que eu ganhava as eleições, de caras, e é curioso que há um dado que é, acho que transcrevi isso, na minha história de vida, eu acabei por ... Como candidato à junta de freguesia, na altura, eu tive mais seiscentos votos do que o candidato que perdeu a eleição para a câmara. E isso mostrou que as pessoas que me apoiaram não eram só da CDU, mas do PS,

alguns tiveram problemas porque me apoiaram declaradamente, até presencialmente e por escrito, do CDS e do PSD. Curiosamente, faltaram cento e doze votos. Algumas pessoas pensaram que eu ganhava de caras e não foram votar. Tive pena porque não dei continuidade a um conjunto de coisas que eu queria terminar, mais ou menos encaminhadas. Não me arrependo de nada, professora, de nada, eu fazia, eventualmente, não fazia pior, teria feito da mesma maneira, com a mesma lisura, com a mesma transparência, isso aí fazia de igual modo. Foi uma coisa que gostei muito de fazer, daí às vezes, oiço dizer mal. Tenho pena de conhecer determinados problemas, às vezes tenho pena de saber certas coisas porque fico um bocadinho incomodado. Não há a pureza que eu tinha com os colegas que eu tinha na altura. Houve outra coisa que me marcou profundamente. Há pouco disse que tínhamos ganho com maioria absoluta, disse a verdade...

I – Sim.

A – Achámos por bem... ok, ganhámos com maioria absoluta, mas não vamos estar aqui todos para mais ninguém saber disto. Vamos convidar uma pessoa de outros partidos políticos, dos mais representados, PS e PSD. No outro mandato a seguir, fui novamente candidato, ganhámos com maioria relativa, e a preocupação que houve nas pessoas foi pôr o presidente da junta em minoria, é evidente que depois não conseguiram fazer isso, não ficou sozinho, fiquei eu com ele. Tocou-me profundamente a forma das pessoas trabalharem, a visão que têm, o sectarismo partidário, apesar de supostamente ter sido eleito por um partido que é mais de esquerda, que supostamente dizem as pessoas, embora eu não alinhe com certas coisas, sou um bocadinho dissidente, mas como tenho sido aceite assim, sou uma pessoa que pagas as cotas apenas, neste momento, limito-me a pagar as contas. Aceitaram-me sempre como eu fui. Não vejo em mim que eu olhe para os lados, não consigo pensar que só as pessoas que me elegeram é que são importantes, isso seria mau. Lembro-me do que foi escrito, perfeitamente macabro, de não ter ganho e de outras pessoas. Nunca mais me esqueci disso, foi um tratamento desigual e que não era merecido, nem foi justo, na altura. Nunca me esqueci disso, ou melhor esqueci-me um pouco, mas os meus familiares, especialmente, a minha filha lembrava-me do que me fizeram. A minha família ficou muito mais... porque viram, assistiram ao que aconteceu. Ainda hoje, acho que não merecia passar por aquelas situações, ninguém merecia ter passado por aquilo que eu passei porque as pessoas foram injustas e foram mazinhas, naquela altura, para mim que fui uma pessoa que se deu completamente de alma e coração àquela causa. Às vezes era criticado por pessoas que não são isentas. Não interessa se está lá do CDS ou do PSD. O que interessa é que aquilo tem que ser feito e tem que se cumprir o programa. Eu disse às pessoas que ia cumprir e foi isso que tentei fazer. Adorei trabalhar nas autarquias.

I - No período em que estive na junta de freguesia, que tipo de documentos é que tinha que utilizar?

A - Vários e do mais variado tipo, desde a feitaura análise de propostas de concursos que elaborámos, por exemplo, concurso para a varrição e ou desmatação da freguesia, inclusivamente às escolas Vasco Moniz, Alves Redol, Reynaldo dos Santos, entre outras. Análise de toda a correspondência dos Fregueses no que respeitava pedidos de obras ou melhoramentos locais. Tinha ainda que colaborar na feitaura do orçamento

global da junta essencialmente nas matérias respeitantes aos pelouros que me estavam atribuídos. Numa fase do meu executivo, criámos o jornal da freguesia onde muitos dos textos foram de minha autoria. Acho que ainda tenho alguns exemplares. Analisava também peças de desenho dos projectos emanados da Câmara, por exemplo, os projectos da calçada à Portuguesa para dar o nosso parecer. Para além destes exemplos e pela minha condição de secretário da junta, quase toda a documentação passava por mim.

I – Foi difícil gerir o orçamento?

A – É difícil porque repare...

I - Que experiência é que tem?

A – Já agora que está a falar nisso, em termos de orçamento, sessenta e cinco por cento, em traços gerais... o orçamento no último mandato em que estive era de cento e sessenta mil contos por ano. Era manifestamente pouco para uma freguesia que tem esta extensão, que tem também para o lado de lá, para as lezírias. Tem muita gente, tem uma zona rural também substancial, tem uma zona urbana com alguns problemas. Em relação ao trânsito, tentei com a polícia dar a volta a algumas situações, houve algumas alterações que se mantêm até hoje. Se nunca foram mexidas, é porque resultaram. Lembro-me desses passos todos. Em relação ao orçamento, só sessenta e cinco por cento do orçamento era para os ordenados. Veja bem depois a fatia que ficava para as outras coisas. Mexi em sinais, era preciso arranjar buracos sempre que chovia, desmatação das bermas que não era só aqui, as zonas lá em cima ainda são maiores. O tal problema que eu tinha, eu não podia deixar que aquilo andasse assim; tinha a preocupação de tratar todos igualmente, em relação aos da zona mais urbana. Fica caro tratar zonas verdes, tinha que fazer as contas por metro quadrado para ter uma ideia acerca de quanto ia ficar. Falava com as empresas que tratam de zonas verdes. Tentava ver qual era o programa para aquele ano, tinha que contar também com as verbas que vinham da ocupação da via pública, os toldos, os reclames luminosos que eram, na altura, desprezados, mas vieram a revelar-se uma fonte de receitas importante para a junta. Os próprios parques de estacionamento já na altura eram uma boa fonte de receitas para a junta e ainda hoje o são. Nós tínhamos que juntar estas coisinhas todas e vamos lá o que conseguimos fazer; às vezes, pensávamos, este ano já não é possível fazer isto assim. Havia um trabalho de conjunto e era preciso fazer um exercício de conjunto complicado porque às vezes faltava ali dinheiro para ... Os ordenados eram absolutamente intocáveis; podia não haver para outra coisa qualquer, mas para os ordenados dos funcionários tinha sempre que haver. E era assim que trabalhávamos. Hoje a capacidade orçamental é muito maior, não tem comparação possível. As coisas evoluíram muito, até nas instalações. A junta de freguesia hoje tem umas instalações como poucas terão no país. Os funcionários hoje também são mais. Tínhamos que fazer uma ginasticazinha e fazíamos o fato à medida da fazenda que tínhamos.

I – E o (nome) considera que a experiência que tinha de gerir o orçamento da sua família foi importante para depois conseguir gerir o orçamento...

A – Eu acho que sim, pelo menos, na minha parte que era a das obras, pessoal, zonas verdes. Era aquilo que mexia com a maior fatia do orçamento da junta. Eu, se calhar pelo hábito que vinha de trás fazia um

racionamento das coisas de forma mais ou menos equilibrada, embora o tesoureiro permitisse em cada momento controlar. Posso dizer... A professora tem alguma razão quando diz que a experiência anterior, claro, habituado a poupar e a gerir a casa. A gente não pode estar ... se começa a gastar o que não tem passa para o descabro, não dá. Acho que era um pouco nessa base e que essa minha experiência também serviu para algumas coisas que me aconteceram na autarquia e noutras.

I – Quando há pouco também se referia a ter feito um desenho que serviu para a EPAL construir na Quinta da Mina...

A – O engenheiro (nome) é que...

I – Esse conhecimento que detinha que permitiu fazer o desenho...

A – Sim...

I – ... foi adquirido em que circunstâncias da sua vida? Terá alguma relação com aquilo que faz profissionalmente?

A – Não, porque eu aí... Esse meu jeitinho para o desenho... O desenho de máquinas era uma das disciplinas fortes... Há bocado eu disse que gostava muito de Desenho, de Ciências e até de Matemática, embora nunca tivesse sido grande espingarda a Matemática, mas quando fui estudar à noite só eu e outros dois colegas é que passámos a Matemática sem ir a exame. O desenho e a minha facilidade tinha a ver com isso. É que eu ainda hoje fui fazer um croqui simples, uns riscos e não sei quê. Com o croqui que eu fiz... sabe executar. A minha preparação num trabalhinho que eu fiz, o meu chefe pediu para eu fazer e fui levar à oficina, mas a oficina estava fechada. Mas isto para dizer que, com alguma facilidade porque, entretanto, eu tinha a planta do local e depois com a fotografia que dá as perspectivas, mesmo em cima. Depois havia um senhor que era o arquitecto (nome) que era das zonas verdes que depois fazia o arranjo, aqui vão ficar estas árvores, ali aquela relva. A ideia surgiu numa reunião de junta e com base naquilo que as pessoas já faziam. O hábito das pessoas já lá estava feito, o hábito já estava instalado, era só preciso dar corpo. E aí naturalmente as coisas aconteceram. Isso serviu para outras coisas também, para parques infantis para aqui e para acolá. ... e os traços gerais. Isso deriva tudo da minha facilidade. É evidente que, no meu trabalho, sou obrigado a, ainda há poucas horas estava a fazer uma coisa dessas. Já fiz coisas mais elaboradas, desenhos mesmo mais a sério, para o museu de electricidade, a reprodução da central do Edison, que foi uma coisa que deu imenso gozo e que também conto na minha história de vida. Portanto, essa minha facilidade também vem do trabalho, a fazer os traços, as preparações, os bonecos, uma construção em serralharia, uma caldeiraria ligeira, uma linha de pesado que não é o caso ... Isso funciona como a senhora está a dizer, permite com mais facilidade fazermos um esboço de uma ideia qualquer que tenhamos para um projecto qualquer.

I – Curiosamente o (nome) começa a pensar na sua vida profissional no ramo da electricidade e são as circunstâncias que acabam por o levar para a ...

A – Eu acho que felizmente. De facto, estava a estudar para montador electricista e estava já no terceiro ano, trazia aqueles trabalinhos, aqueles enrolamentos de cobre, aquelas coisas muito giras, coisas que a

minha filha, passados uns anos, ela própria, via-a fazer isso na escola. Fui para a MEVIL com a ideia que iria ficar como ajudante-electricista do senhor (nome), senhor já de uma certa idade que trabalhava na MEVIL. O tempo foi passando e a vaga nunca mais abria e o como o trabalho de electricista não era muito e estava lá outro rapaz, que era o (nome), que depois também foi para a EDP, entretanto, fui para lá, o tempo foi passando, e eu entrei para aprendiz de serralheiro, com os meus quinze anos, o tempo foi passando e, ao fim de três meses, o senhor encarregado, uma pessoa espectacular, profissional de altíssimo gabarito (emociona-se) e mais uma vez a gente está a aprender. Aquela história de estar a aprender, mais uma vez, esse senhor foi uma pessoa que teve uma importância decisiva na minha vida. Fez-me perceber o valor que eu tinha, a importância que tinha, mesmo miúdo, mesmo com quinze, dezasseis, dezassete anos, e fez-me perceber que valia a pena eu ser dedicado e trabalhar porque eu iria conseguir. Nunca mais me esqueço das palavras dele, quando me vim embora, porque tinha concorrido para a EDP e vinha-me embora. Fez-me chorar, o que não é difícil, e disse-me que tinha grandes planos para mim na MEVIL, mas aquilo que ele dizia... Acreditei sempre nele porque era um homem espectacular que me ajudou. Alguma coisa naquilo que sou hoje também o devo a ele. Deu-me conselhos, deu-me exemplos de pessoas que trabalhavam comigo... A propósito de o meu pai não usar luvas, eu acho que aí era uma coisa um bocado antiquada, olhava para... as mãos do meu pai eram gretadas autenticamente. Pegava numa brasa e conseguia estar uns segundos com ela nas mãos. Tinha uma pele com uma grossura que parecia quase uma sola. Perguntava-me: “para que é que precisas de luvas?”. Aí é que eu não estava de acordo com ele. Hoje a segurança é uma questão que não se questiona de maneira nenhuma. É acidente zero é o que hoje se pede. Aí ele pecava um bocadinho, mas era aquela coisa do ... Mas dava-me outros exemplos, a outro nível, de pessoas profissionais, competentes. Aprendi coisas com esse senhor muito bem. Passados três meses de estar lá, como havia muito desenho e eu sabia interpretar muito desenho, fui uma boa ajuda para pessoas que tivessem mais dificuldades. Tinha um conhecimento de Teve essa inteligência de me pôr com uma pessoa que era um excelente funcionário, mas tinha algumas limitações em termos de interpretação do desenho e isso fez com que eu acompanhasse uma pessoa que não tinha ninguém para o ajudar. Só eu é que consegui estar com ele uns quatro anos, até o deixar e ir para casa zangado e pedir para eu receber o ordenado, até ficou desorientado quando eu deixei de trabalhar com ele. Esse senhor (nome) era o encarregado, recordo-o também com muita saudade (emociona-se) disse-me que eu merecia tudo aquilo que estava a acontecer porque eu não fui aprendiz de primeiro, segundo, terceiro, quarto ano, eu saltei etapas em pré-oficial, ou praticante, já não me lembro, mas tudo isso registado. Passei patamares e fui logo para oficial de segunda porque ele passou-me. Aos três meses de lá estar, deu-me umas ferramentas e depois fui trabalhar com um senhor que era (emociona-se) (nome) que me pôs a trabalhar sozinho. Não queria que eu trabalhasse com outras pessoas, queria que eu trabalhasse sozinho, dava-me os desenhos e eu fazia tudo. Cortava, traçava e o trabalho aparecia feito e, naquele período, eles começaram a perceber que, comigo, as coisas iam ser diferentes. Houve uma coisa muito gira e tenho muito orgulho nisso. Na altura, havia um patamar que era até irmos para a tropa,

e ver qual era o ordenado mais interessante. O mais alto era o do (nome) que depois também foi para a EDP, depois o do (nome) que também foi meu colega na EDP, e depois do meu tempo fui eu. Isto para lhe dizer que esta minha facilidade ajudou-me nas autarquias, mas ajudou-me antes no meu trabalho, quando eu fui oito anos funcionário da MEVIL, voltou a ajudar-me, mais uma vez, na EDP.

I – Nesse primeiro emprego que aprendizagens significativas é que considera que fez?

A – Olhe, uma delas, e embora não tenha a ver com o campo profissional foi o facto de... eu aprendi muito a lidar com pessoas, a dirigir-me às pessoas e talvez até a liderar pessoas. Foi um sítio de aprendizagem, na verdadeira acepção da palavra, porque aprendi como é que se num ambiente de duzentos e cinquenta trabalhadores, quase todos com idade para serem meus pais e outros mais jovens, e eu aprendi a relacionar-me nesse meio e, em determinadas alturas, até bastante difíceis, complicadas e até conflituosas, eu consegui... Eu também me dirigia às pessoas, dizia-lhes para ter calma, ter esperança, e essa aprendizagem ajudou-me em toda a minha vida. Na EDP, foi uma grande muleta. Depois foi a questão do enriquecimento profissional, aí mesmo praticar diversas acções na função que eu desenvolvia que também me levaram e me enriqueceram de tal modo que tal fizesse um exame que permitiu que um jovem, na altura com vinte e dois anos, fui benjamim da Central do Carregado e fui o mais jovem funcionário que entrou lá na altura. Consegui entrar e por via desses meus conhecimentos, dessa minha aprendizagem e enriquecimento, eu era jovem, mas já tinha um curriculozinho jeitoso, permitiu de eu depois chegasse ali, e tivesse entrado para outro nível. Entro ali na EDP pela experiência que adquiri que permitiu ultrapassar, com algum à vontade, o exame e tinha só vinte e dois anos e, portanto, estou lá há trinta e dois, e estou no topo da minha carreira profissional.

I – Há pouco quando dizia...

A – Não sei se era isto que a professora queria...

I – Sim...

A – É mais ou menos isto...

I – Tudo ... Já na EDP, passou por várias funções...

A – Sim, sim.

I – Exactamente que funções é que foi desempenhando?

A – Serralharia mecânica, tive uma fase de seis meses de ser observado por vários chefes de equipa e eles depois é que diziam se nós... Para já podíamos correr o risco de não ser... Havia uma situação em que se alguma coisa não corresse bem e tivéssemos um comportamento que não fosse bom, ou se fosse mau havia a possibilidade ainda de... essa possibilidade de entrarmos de facto na EDP... Se nós não puséssemos muito o pé na argola e tivéssemos uma prestaçãozinha boa, ao fim de seis meses isso já era possível de acontecer e foi o que aconteceu comigo. Subi logo uma letra e passei de letra. Entrei com a letra D, para ser mais preciso, passei para a letra E. tive esse período, em que houve essa evolução. Depois, passados uns anos, talvez, isto entronca com a situação que eu estava a descrever há bocadinho, o ambiente na EDP era complicado. Chegavam ao ponto de pôr os nomes, lá na parede, e se a professora

chegasse lá, este tipo é um tipo assim e assado, aquilo era logo um problema, professora, que podia até ter consequências e evitar que entrasse na empresa. As comissões de trabalhadores eram feitas e montadas de uma tal ordem que parecia que... era quase inquisidor, era muito complicado. Entretanto, acabámos um pouco com isso e por força da minha experiência de comissão de trabalhadores, eu sempre a perceber e motivado pela comissão de trabalhadores, eu e os meus colegas que entrámos em 78, questionámos o nosso estatuto pessoal. Eu questionava: então, eu já sou de facto trabalhador da EDP, funcionário da EDP, e estou aqui num plenário e não me deixam discutir? Lá está a tal história da liderança, da capacidade de comunicar e fazer valer os seus direitos e as suas coisas. Pedi licença para falar, no meio de duzentos ou trezentos trabalhadores que lá estavam. Levantei-me que disse que os senhores estavam enganados. Disse que tinha direitos porque tinha assinado um contrato com a EDP, tinha direito a falar dos meus problemas e das minhas regalias, aquilo que queria ou não queria e não era homem para evitar que isso aconteça. Imagine só o que aconteceu. Juntaram-se mais dois ou três com a minha... com o mesmo tom com que eu falei e acabou-se, ficou ali. Depois na tentativa de arranjam delegados sindicais ou elementos para comissões de trabalhadores, eu fui logo abordado para isso. A gente, quase sem querer, isto depois acontece naturalmente. Fui eleito delegado sindical e nunca abandonei a minha actividade, fui sempre cumpridor, em toda a linha, das minhas actividades profissionais, e ... Fui, a determinada altura, avisado por um colega e amigo para ter cuidado. Foi mesmo assim que foi dito: "Se não largares o sindicato, eles vão-te cilindrar outra vez", foi mesmo assim o termo que utilizaram. Entretanto, houve concursos para chefe de equipa e as pessoas foram convidadas para chefe de equipa. Nunca houve concurso. O único chefe de equipa da Central do Carregado desde 78, que foi a concurso da parte de caldeiraria, fui eu, os outros foram todos convidados. Percebi rapidamente porque é que eu não tinha sido. Porque não era inferior aos que lá estavam. Preferiam alguns que lá estavam. Até aconteceu uma coisa caricata: foi que eu parti atrás de todos e fui o único chefe de equipa por concurso. Fui avisado para sair por estar ligado ao sindicato e eu pensava como era possível aquelas coisas acontecerem. Eu era cumpridor, professora, a verdade é que fiz isso; cumpri o mandato, mas já não continuei. Também fui da direcção do sindicato e, entretanto, saí e apareceu esse concurso para chefe de equipa. Fui considerado muito apto, ganhei esse concurso. Com vinte e oito anos, fui chefe de equipa. O que aconteceu é que aos quarenta anos de idade, estava lá um encarregado, que foi a pessoa que me avisou que tinha que sair, se não era excluído. Aos quarenta anos, estava lá com mais colegas que tinham sido convidados e eram chefes de equipa há mais anos do que eu, e fui eu que fui escolhido para ser o encarregado. Estávamos todos na expectativa (emociona-se) alguém tinha de ser o encarregado e fui eu o escolhido. Parti atrás e cheguei à frente. Não foi porque eu andasse lá a bajular ou a fazer figuras daquelas que não devemos fazer, sempre tive uma postura vertical, digna, de respeitar. Não podemos ser submissos, temos que ser o que somos e mais nada. Temos que ser leais, para com as chefias e hierarquias, porque acho que isso é que faz com que as pessoas nos respeitem. Percebem como uma pessoa está a passar com a mão por cima e está a ... nunca fui desse tipo de pessoas assim. Então, quando fui chamado pelo meu chefe, que ainda hoje é meu chefe, porque

quis ir para a Central nova, disse-me que eu é que ia ser o próximo encarregado da caldeiraria (emociona-se). A minha vida estava a levar uma volta e eu, com quarenta anos, era encarregado da caldeiraria. Foi uma coisa muito importante para a minha vida. Deu-me uma alma nova e, mais uma vez, valeu a pena trabalhar e dedicar-me com força. Nunca faltei um dia ao trabalho, se for ver o meu registo, tive uma semana de seguro por causa de uma luxação que fiz por causa de umas virolas que eu estava a enrolar e a fazer uma dobra na caldeira, que eu fiz, do primeiro ao último pormenor, preparei e fiz tudo com base no desenho de fabrico. Montei aquilo e tive esse problema. Desde os quinze anos, tenho uma semana de seguro. Já na EDP, nunca tive nenhum acidente grave. Mesmo como chefe de equipa e como encarregado, não ficava no gabinete, ia lá, fiz sempre questão de acompanhar muito bem as coisas. Foi por essa conduta e por essa atitude tive esse reconhecimento. Para algumas pessoas, pareceu estranho, curiosamente quando isto acontece, há um colega meu que, depois três anos, substituí na função de preparador, de assistente técnico, que é o que sou hoje, que um dia chegou ao pé de mim e disse: “Venho falar consigo pelo seguinte: é incrível como é que as pessoas às vezes dizem isto de uma pessoa porque está mais ou menos ligado à facção de um sindicato. De facto, você é bom profissional, de boas relações. Você não é nada daquilo que dizem e aquilo que já ouvi dizer de si. Quero dar-lhe os parabéns e quero ser seu amigo.” A gente quando ouve uma coisa destas (emociona-se). Parece que está tudo... No fundo, eu merecia que as pessoas me dessem aquele tratamento e não outro, mas é bom ouvir isto das pessoas. Também é bom ouvir dizer que não estamos de acordo. Isso ajuda-nos a corrigir um determinado percurso. Também é bom quando nos dizem que não estivemos bem e corrigimos. Não me esqueço que chegaram a omitir-me alguns documentos, desenhos de que eu ia à procura, já era chefe de equipa. Não me esqueço que diziam que não havia aquele desenho ou outro só porque eles me conotavam com uma determinada ... Está a ver? Depois de verem que eu não era nada daquilo que pensavam, então as coisas começaram a fluir. As coisas começaram a acontecer, mas tive que provar às pessoas isso mesmo. Isso foi trabalho meu, foi dedicação minha, com lisura de processos, transparência, tudo da minha lavra. Por isso é que há bocado eu dizia que gostava de dizer quem sou e gosto porque tive sempre uma postura... Para já, tive sempre uma atitude positiva na vida, acreditei sempre (emociona-se). Aí, na minha autobiografia, digo o que passei em miúdo, aquilo que passei, as dificuldades, as privações com os meus pais, porque éramos quatro irmãos e aquilo que eu via na minha casa, estivemos no limiar, dos sete aos nove anos... nunca passei verdadeiramente fome, mas estive lá no limiar e as coisas foram muito complicadas. O que eu fiz, a minha orientação para a vida sempre foi essa, foi fazer tudo aquilo que me for possível, daquilo que me foi ensinado, por causa da educação que recebi dos meus pais, não vou passar por cima de ninguém, vou lutar pela vida para nunca passar pelas dificuldades que os meus pais tiveram. Eu já ganhei bom dinheirinho. Quando casei, podia ter algum dinheiro junto para fazer a minha vida e o dinheiro fazia falta na minha casa para os meus pais e os meus irmãos e assim as coisas resolveram-se todas. Fui sempre o suporte da minha família e tenho orgulho nisso. Era o filho mais velho, preocupou-me sempre... A minha mãe morreu com quarenta e oito anos, os meus irmãos tinha dez e a minha irmã doze ou treze,

sabia que a minha vida e a dos meus irmãos ia ser muito difícil. A preocupação foi sempre com a minha família. Já era casado e a minha mulher perguntava em que é que eu estava a pensar e eu estava sempre a pensar nos meus irmãos e no meu pai. Até hoje ainda me preocupo com o meu irmão que deixou a EDP por causa de uns tostões e hoje anda a fazer biscates outra vez e já nem tem dinheiro nenhum outra vez. Ainda hoje penso nisso e em ter segurança na minha vida, para não passar privações, como eu vi passar aos meus pais. Orientei a minha vida nesse sentido, lutei em todos os sentidos, profissionalmente, tudo, para não ter que passar por essas situações. Em certa medida, consegui isso.

I – Ainda no campo profissional quais foram para si as experiências mais significativas?

A - As experiências mais significativas foi... Para já fui encontrar ali um trabalho completamente diferente daquele que tinha na MEVIL. Na MEVIL, construíamos de raiz determinada estrutura para as plataformas de petróleo, ali, na central, era um tipo de manutenção. Tive que fazer um tipo de adaptação a esse nível.

I – Fê-lo adquirir mais competências...

A – Mais competências... Tive que recorrer a livros para ler sobre manutenção, sobre programação, manutenção programável, manutenção fortuita, aquela manutenção do que se parte agora e repara no momento. Eu não estava habituado a esse tipo de trabalho. Fiz novas aprendizagens e foram conhecimentos significativos que fui adquirindo, mas aquilo que me pergunta é o que me marcou mais profissionalmente. É isso?

I – As experiências que acha que deve destacar, o que foi mais marcante...

A – Sim , em termos profissionais devo dizer que, ainda era chefe de equipa e houve aí um momento que eu acho que foi determinante para as pessoas fizessem uma avaliação diferente. Estávamos em período de férias e rebenta lá, houve um incêndio na fachada dos queimadores. Havia malta de férias ... no exterior, os preparadores estavam de férias também e eu disse ao (nome) que eu preparava aquilo. Acho que foi um momento marcante na minha carreira, profissionalmente lá. Esse senhor (nome) veio ter comigo, depois de termos feito a reparação daquilo, tracei os equipamentos, tirei medidas, foi tudo reposto, nova fachada nos queimadores que arderam todos. Foi um incêndio complicado, ardeu quase toda aquela frontaria de aço, aquelas vigas e o homem veio ter comigo e disse-me: “Ò (nome), se não fosses tu, isto era muito complicado.”. Eu acho que foi aí que começou o reconhecimento e isso marcou-me de alguma maneira. Por outro lado, eu ... Houve momentos em que também fui capaz de mostrar que era capaz de fazer outras coisas diferentes. Por exemplo, aquela história da réplica da central. Fui responsável pela parte toda de serralharia daquela história, eu é que desenhei o edifício. Parece em tijolo, mas não é, aquilo é tudo em madeira e em contraplacado de cinco milímetros a imitar o tijolo, as abóbadas todas fui eu que desenhei. Esta estrutura daquele edifício foi todo desenhado por mim. Os alcatruzes, a carroça fui eu que a desenhei do primeiro ao último pormenor. Já a tenho em meu poder, professora. Fui ao museu, fiz uma exposição ao director e ela estava lá porque eles agora circunscreveram só exactamente à máquina a vapor e à caldeirinha, por uma questão de espaço e de enquadramento do museu. Está muito bonito,

aquilo. Está tudo dentro de uma vidraça, tudo isolado. Essas coisinhas todas eles tiraram. Fui sabedor disso e fui lá pedir a carroça e o cavalo, já tenho isso em meu poder. Foi uma coisa que mostrou também, que as pessoas eventualmente viram que era capaz de fazer outras coisas, de virar para outro tipo de actividade, de tal maneira que fui desenhador e projectista lá desse edifício e, portanto, dei um contributo considerável numa coisa que na altura deu alguma berra ali na EDP. Eu é que fiz a apresentação da central e mais uma vez tive que falar para os administradores todos da EDP. (nome) até me fez sinal e eu comecei a falar daquilo como estou a falar com a senhora, tal e qual. Isso também foi um momento marcante da minha passagem, da minha carreira profissional. Acho que marcante é também a minha passagem a encarregado, para assistente técnico que é o topo da minha carreira. Só chegam ao nível dois engenheiros e eles costumam dizer que eu engenheiro da casa, pela minha experiência... neste momento... se eu saísse aos sessenta e cinco anos de idade, só subo na horizontal porque na vertical, como sou de nível dois e só tenho... Eu chegava já ao final da minha carreira aos sessenta e três, não era preciso chegar aos sessenta e cinco porque já cheguei mesmo ao topo. Acho que consegui o meu objectivo profissional, nem toda a gente chega ao nível dois e sou relativamente novo. Cheguei lá aos quarenta e três anos. Tenho usufruído de evoluções, de antecipações de carreira e tenho ideia que foi pelo fruto do meu trabalho, pela minha dedicação, postura que nesse sentido, na esmagadora maioria dos casos é recíproco para comigo. Penso que isso ... Em termos de trabalho, marcantes acontecem tantas coisas num trabalho e naquela central e elas são todas... Têm a ver com uma coisa que se partiu aqui, outra acolá, que é preciso fazer com mais urgência, mas de facto as coisas que me marcaram profissionalmente foram essas passagens que no fundo corresponderam ao reconhecimento da minha competência, se quiser, profissional. Acho que... considero que não fui o melhor profissional de todos os que lá passaram, que mais sabia daquilo. Consegui chegar onde cheguei muito pela minha conduta humana (emociona-se), social, juntando ao facto de, na parte profissional, acho que sou acima da média, se quisermos, não sou fraquinho, nem sou suficiente, sou acima da média, mas acho que não sou o suprasumo dos trabalhadores da EDP, tenho mesmo consciência disso. O conjunto das condições que tinha, acho que foi isso que fez com que eu pudesse atingir o objectivo a que eu cheguei e que era muito bom que todas as pessoas conseguissem onde eu consegui chegar.

I – Gostava que relativamente às funções de delegado sindical explicasse um pouco mais...

A - As funções no sindicato começaram exactamente como delegado sindical onde basicamente e, numa fase inicial da minha actividade, eu coordenava a actividade local essencialmente na área das profissões de mecânicos e caldeireiros (serralheiros civis). Fazia o enquadramento dos participantes nos plenários de trabalhadores, afixando antes a ordem de trabalhos nos locais e os documentos a analisar nos plenários, elaborava quando necessário documentos de procura de esclarecimentos ou reivindicativos por parte dos trabalhadores, fazendo-os chegar ao Sindicato, na altura SIESI- Sindicato das Industrias Eléctricas do Sul e Ilhas. Quando pertenci à direcção do sindicato, fui também assessor da Comissão Negociadora do mesmo junto da do Conselho de Administração da EDP que funcionava na Av. José Malhoa. Nesta

actividade, porventura a mais entusiasmante por que passei, eu e um outro colega (nome) elaborávamos exaustivamente os perfis ou profissiogramas de cada uma das actividades e nas negociações com a comissão antagonista, a EDP, defendíamos igualmente, até à exaustão e até onde possível, a redacção final acordada (ou não) entre as partes. Depois destas reuniões de negociação, seguia-se normalmente a realização de plenários por todo o país, sobretudo no centro e sul, muitos dos quais feitos por mim. Às vezes numa verdadeira epopeia, também verdadeiramente entusiasmante e claramente uma fase da minha vida onde adquirir e vivi experiências verdadeiramente inesquecíveis, que me influenciaram e prepararam para enfrentar as mais diversas e difíceis situações da vida e que julgo também me transformaram, penso que no bom sentido, na pessoa que sou hoje. Os documentos eram textos emanados da direcção do sindicato e discutidos no plenário, bem como as matérias relativas aos enquadramentos profissionais, os tais perfis profissiogramas.

I – No âmbito profissional, hoje em dia, o uso das novas tecnologias tem...

A – Tem, tem...

I – E tem sentido necessidade de adquirir novas competências decorrente dessa ferramenta ...

A – Hoje é completamente impossível... a senhora hoje não consegue ser uma preparadora de trabalho nem uma assistente técnica se não souber utilizar minimamente aquela máquina que é absolutamente incrível que é o computador. Até porque hoje está tudo agarrado, as tecnologias estão todas agarradas entre si aos mais variados níveis. É um programa SAP que gere a EDP e que ... toca nas compras, nos negócios, toca em tudo, aquilo é uma coisa absolutamente espantosa em que depois juntamos o Word, o Acess, o não sei quê, a outro nível, você tem que trabalhar com aqueles programas todos. Por exemplo, uma preparação, uma ordem de trabalho tem que ser com o computador, não há hipótese de o fazer de outra maneira. Para fazer a ordem tem que haver a emissão da nota e é através do computador para haver esses registos, a manutenção, a programação das datas, tudo resulta da tecnologia de utilização do computador. Não é possível voltar para trás e daqui para a frente é, vai ser assim cada vez mais. Eu vou-lhe dizer, já na EDP, eu lembro-me quando os pontos de trabalho, os pontos eram feitos à mão e depois entrou um programa chamado Quisque. Hoje a senhora põe lá quando vai de férias, quando põe uma folga, quando falta meio-dia, quando precisa de pôr uma hora, a que horas entrou e saiu, tudo trabalha assim, tudo tem a ver com as tecnologias que são aplicadas até para medir uma fuga de vapor, num sítio qualquer, tem lá um aparelho que diz que... não é preciso abrir o aparelho que dá um sinal e o fluir é tal que o aparelho vai dizer que está a dar fuga tal. E, sem sombra de dúvida, pode abrir aquele equipamento para o arranjar porque está avariado. Também a esse nível, as coisas acontecem de tal maneira e está tudo ligado. É impossível hoje trabalhar sem a aplicação dos meios tecnológicos todos.

I – E em contexto familiar, a utilização do computador, pessoalmente, por si?

A – É algum, não tanto porque, se calhar, estar o dia inteiro, agarrado ao computador... Vejo os e-mails.

I – As aprendizagens com esta nova tecnologia foram mais desenvolvidas no contexto profissional?

A – Exactamente. Até já me permitiram, os meus filhos, porque estão mais à vontade, eles passeiam-se à vontade naquela história, também já mexo umas coisas porque também tenho tido acções de formação. Para desenvolver algumas acções ... tenho que ter algum desse conhecimento. À medida que o tempo vai passando, vou melhorando alguns conhecimentos e depois também vou dando alguma ajuda à minha companheira. Isso influencia muito nesse ponto.

I – Aqui no Ateneu também utiliza as novas tecnologias?

A – Também, embora não seja muito necessário. Temos aqui uma funcionária... se não estiver cá, sei o que quero e vou à procura. Aqui no Ateneu não tenho muita necessidade de mexer muito nesse tipo de ... de mexer nesse campo.

I – No decorrer da nossa conversa que, entretanto, está a acontecer há duas horas e um quarto, mas nem parece, parece que começámos há dez minutos...

A – (risos)

I – Há uma outra questão que tem a ver com Inglês, que foi a língua que reconheceu no âmbito do processo. Como é que aprendeu Inglês e que uso é que tem feito da língua inglesa no decurso da sua vida?

A – Eu devo dizer que o seguinte: eu falar Inglês é completamente... sou capaz de dizer umas palavrinhas, compreendo muito melhor... sou capaz de ouvir uma pessoa a falar inglês; aliás, no meu trabalho, isso é muito frequente porque eles praticamente são todos alemães da Siemens e vêm fazer as grandes revisões e depois falam Inglês. E eles estão a falar, às vezes estão a falar com um colega que não pesca mesmo nada e digo-lhe: “Olha, o que senhor está a dizer é...”. Outras vezes, não consigo. Comprei um dicionário técnico de Inglês, ainda eu era miúdo, tinha os meus dezassete anos, ao Círculo de Leitores, são dois volumes assim desta largura (aponta) que me têm dado uma utilidade tremenda. Exactamente porque eu fui lá obter esses conhecimentos. Se é está a dizer que é um eixo, uma chumaceira, se é um tubo, se é uma, sei lá, uma estrutura qualquer e já nem preciso de ver aquilo. Recorri... depois num determinado contexto, estou a ver aquela história e começo a olhar para aquilo não estou a ver que palavra é aquela, mas depois compreendo e sei o que quer dizer. Isso sou capaz de fazer, de dizer o que está ali escrito e o que pretendem com aquela história. Eu tive uma experiência muito engraçada no processo... eu via... alguns tinham obrigação de saber mais inglês do que eu e, se calhar sabiam mesmo, a verdade é que na compreensão dos textos, digamos até no desenvolvimento de exercícios que lá faziam e quando se punham até questões ... apareciam termos mais ligados ao técnico e não sei quê e eu conseguia ir um bocadinho mais para cima, precisamente, por via da minha experiência profissional. Devo dizer que recebo as ordens, os PTW, digamos que são as orientações do trabalho estão em Inglês, olho para aquilo e tenho que saber o que querem dizer exactamente dizer com aquela história. Eu sei aquilo que eles querem e depois tenho uma lista de instruções de segurança que tenho que pôr lá, adaptando precisamente àquilo que os senhores querem. Tenho que perceber alguma coisa do que está lá escrito, para não dizer tudo, vou à procura da forma, ou vou ao Google e vejo lá o tradutor e vejo é isto. Contextualizo logo aquela história e é assim que eu me tenho safado. Há quem brinque comigo e diga:

“Se queres falar Inglês, vai ali ter com o (nome)”. É mesmo a brincar comigo e um bocadinho no gozo. Não tenho medo dessa história, tenho é pena, mas isso também ... nem me preocupei nem me dediquei muito a isso de falar alguma coisa, pelo menos para manter um diálogo de dois ou três minutos com uma pessoa. Percebo muito do que oiço, mas vou dizer porque é que ... Acho que a televisão ajuda muito, se nós estivermos com atenção, ajuda muito a perceber alguma coisa, as traduções que se fazem. Às vezes, até não é aquilo bem, é um bocadinho mais ao lado, mas acho que também bebi um bocadinho aí disso. Ainda por cima, a única disciplina que dei na escola foi Francês. Neste particular, já me ajudou e não foi por acaso que foi das coisas que me gostei no RVCC. Aquilo era uma alegria para mim, só faltei mesmo quando tive que ir trabalhar, caso contrário, não faltei a nenhuma sessão. Mesmo assim, quando faltei eu ia fazer os trabalhos. Fazia tudo e gostei imenso da formadora porque me ajudou um bocadinho, para não dizer um bocadão. Consegui arranjar ali algumas armazinhas para me safar e para tirar algumas dificuldades que a gente às vezes tenha, foi ali também no RVCC que consegui e foi das coisas que mais gostei.

I – Quando viaja, não aproveita para utilizar esses conhecimentos?

A – Aproveito. Posso dar ali uma calinada ou outra. Ultrapasso bem isso. Lembro-me daquela história do espanhol. Eu, por exemplo, em espanhol, a senhora dá-me um artigo qualquer em espanhol e eu estou a lê-lo e transcrevo-o para Português imediatamente, traduzo-o para Português e até há pessoas que dizem... São muito poucas as palavras que eu não sei o significado. No contexto, consigo perceber se tiver alguma dúvida, porque se não nada faz sentido. Então, um bocadinho na brincadeira, ia ter uma aula qualquer em Espanhol porque ia ter trabalho em Benidorm. O tipo, entrei e comecei a tentar falar Espanhol com ele e disse-me para falar Português porque também era Português. Tenho de facto muita facilidade em traduzir para português textos em espanhol e entendo perfeitamente a língua. A verdade é que desde miúdo, eu gostava muito de cantar canções espanholas, influenciado na altura pelos filmes do Joselito e pelas canções que ele interpretava nos mesmos; depois isso cimentou-se a partir dos 16 anos a cantar em grupos de baile, porque cantava muito em espanhol e, por último, e talvez o mais interessante tive uma relação muito forte na minha ligação aos Ateneus Ibéricos através do Ateneu Vilafranquense, nomeadamente no primeiro e segundo encontros ibéricos dos Ateneus, realizados respectivamente em Badajoz e Cáceres, a que se sucederam intercâmbios culturais em Portugal e Espanha, sobretudo com os Ateneus destas cidades, onde conheci e mantenho relações de muita amizade com personalidades daqueles Ateneus, nomeadamente os seus Presidentes Santiago Corchete, poeta de Badajoz, e o Dr. Esteban Cortigo, professor universitário em Cáceres, meus amigos e figuras incontornáveis da minha história de vida. Hoje em dia, sei hoje um bocadinho mais de Inglês, muitas palavras...e aquilo que parece que é dito na mesma frase, a gente pensa que aquilo deve ser dito ali, mas na outra frase tem a ver com outro sentido, não é a mesma coisa, não se deve dizer a mesma palavra. Não deve ser igual para tudo, tem aplicações diferentes. Não tinha essa noção e gostei muito. Nada aprendi muito, muito, mas também não tive necessidade de

recorrer muito, digamos que não foi exigido muito mais para além de aquilo que eu precisei até hoje. Foi das coisas que eu mais gostei no RVCC; aliás, eu disse isso, também à professora e aos colegas.

I – Muito bem (nome) resta-me agradecer a sua disponibilidade...

A – Eu já estou como a senhora diz: esta conversa lembrou-me a primeira conversa que eu tive por causa do RVCC, com o professor (nome)

I – (nome)

A – Exactamente (nome). Eu acho que estive aí umas três horas, a falar com ele, foi uma coisa (emociona-se) espectacular...

I – E em relação a isso, deixe-me dizer-lhe que também conheci as emoções do outro lado e o profissional (nome) também ficou bastante ...

A – Foi uma abordagem... Eu... falar com aquele homem foi como falar com a senhora. Há coisas que não se dizem a toda a gente, embora eu digamos que não abordámos aqui uma situação que foi muito complicada na minha vida, que sabe qual é a que me estou a referir,

I – Sim, sim...

A – ... a mais complicada de todas na minha vida. Naquele dia, quase sem perceber, comecei a... e parece que eu estava a desabafar, parece que eu estava a ... libertar e, se calhar, isto hoje também me fez bem. Se tivesse tido oportunidade de ouvir a gravação lá do (nome) foi rigorosamente aquilo que eu disse, mais palavra, menos palavra. Gosto imenso de falar e aquilo que fizemos aqui hoje, professora, eu vou com a alminha... vou cheinho. Vou mais contente para casa porque eu gosto imenso de falar, gosto de comunicar e quando estamos a falar e a comunicar de assuntos de interesse, de coisas que influenciam as nossas vidas... futilidades isso não dá para mim, perder tempo a ouvir coisas que para mim não são... não têm valor. Estou perfeitamente disponível para outra coisa qualquer que a professora precise dentro daquilo que forem as minhas possibilidades e tendo em conta as minhas limitações, comigo não tem problema nenhum. Eu é que agradeço, gostei muito de falar com a professora.

I – Depois de ter feito tantas perguntas, pergunto ao (nome) se me quer fazer alguma pergunta a mim?

A – Eu até comentei com o meu colega (nome) “Olha, uma professora que foi minha no RVCC”... e que também gostei muito de conhecer, houve uma relação muito boa neste processo todo, que agora me está a convidar para eu participar num estudo sobre educação de adultos e (nome) tentei levá-lo para lá também, como mora em Samora e coxeia de uma perna, sofre um bocadinho com aquilo e por essa razão não quis ir. Tento partilhado com ele alguma dessa situação e quando a senhora me contactou falámos um bocadinho sobre isto. Deixe-me dizer, professora, que tenho pena que o RVCC e o acompanhamento no início, aliás, eu já fiz questão de dizer isto, tenho pena que aquilo não tivesse sido mais certinho no início, com a saída dos profissionais, mas há males que vêm por bem e depois o que veio foi melhor do que aquilo a que eu tinha assistido até então. Acho que houve ali, é claro que aquilo é para dar possibilidade a pessoas, através da sua experiência, capacidade profissional, riqueza de vida, dar uma possibilidade às pessoas de terem uma equiparação ao secundário. Mas as pessoas não podem só de estar à espera de

facilidades e têm de trabalhar. Eu acho que você é da mesma opinião que eu, o facilitismo a imperar a toda a prova, não ... tem que haver rigor e eu acho que, por mim eu falo, a dizer a pessoas que a malta também tem que trabalhar alguma coisa para provar e evidenciar que há muitas coisas e muitos aspectos... Devo dizer-lhe que gostei genericamente das pessoas que nos acompanharam, as pessoas que me marcaram mais naquela história toda foi (nome) e foi a senhora, sem dúvida nenhuma. Foram as pessoas... e da formadora de Inglês também gostei muito. Foram de uma simplicidade tremenda. Às vezes, quando era preciso dar uma rabeCADAZINHA num ou noutro... tinham sempre uma forma muito simpática de dizer as coisas. Gostei muito também da professora de Inglês, as pessoas que mais me marcaram foram o (nome) e a senhora. Obviamente que os profissionais que lá estavam penso que não foi o trabalho mais apurado e mais rigoroso que houve comigo e com os outros, mas, pelo menos, pela experiência que eu tive foi com... Obviamente, também não tive nenhuns problemas com aquele moço novo...

I – O formador de STC...

A – Exactamente. Achei que ele, às vezes, não sei se pelo tipo de discurso, se pelo tipo da matéria, mas aí também tem a ver com eu próprio, para mim perguntava para que é preciso, mas claro que havia os critérios... que era preciso...

I – respeitar...

A – Dá impressão que quanto mais eu sabia ali daquilo, mais ... Mas, eu ok, quer explorar e vai explorar ao máximo o conhecimento que tinha. Eu aí também percebia, mas, de facto, houve pessoas que me marcaram. Estou perfeitamente disponível até fora disto. Se alguém se lembrar de mim e achar que eu possa ser útil e que eu tenha capacidade. O (nome) foi alguém que eu gostei muito de conhecer, embora eu saiba que houve ali alguns problemas na escola.